

EQUIPAS DE NOSSA SENHORA

ENCHEI AS TALHAS DE ÁGUA

Textos do Padre Caffarel



Edição 2003

INTRODUÇÃO

Enchei as talhas de água

«Três dias depois, celebraram-se umas bodas em Caná da Galileia. **A mãe de Jesus encontrava-se lá.** Foi também convidado Jesus com seus discípulos para as bodas. E, faltando o vinho, a Mãe de Jesus disse-Lhe: **“Não têm mais vinho.”** E Jesus respondeu-lhe: *“Mulher, que nos importa a Mim e a ti isso? Ainda não chegou a minha hora”*. Disse Sua Mãe aos que serviam: **“Fazei tudo o que Ele vos disser”**.

*Ora estavam ali seis talhas de pedra, preparadas para a purificação judaica, que levavam cada uma duas ou três medidas. Disse-lhes Jesus: **“Enchei as talhas de água”**. E encheram-nas até cima».*

Jo 2, 1-7

Vamos participar nas **“Bodas de Caná”**, testemunhando a primeira revelação de Jesus. Respondendo ao grito alarmado daquele que recebe e não previu o suficiente **“Não têm mais vinho”**, Maria convida-nos a escutar Jesus e a obedecer-Lhe: **“Fazei tudo o que Ele vos disser!”**. E o que nos diz Jesus? Convida-nos a terminar a nossa tarefa habitual. Ele pede aos criados para encherem as talhas de água. Que loucura! Eles pedem vinho e é água que Ele lhes diz para deitar. Os criados não criticam; eles têm confiança; **“Eles encheram-nas até cima” (Jo 2, 7)**. Esta confiança dá o seu fruto: a água transforma-se em vinho, e em vinho excelente. Nada é impossível a Deus.

Na nossa vida, Deus só nos pede isso. Nós temos de conduzir a nossa existência tal qual ela é, em todas as suas dimensões, à luz da Sua Palavra e para a entregar na Sua acção recriadora. Como viver toda a nossa vida de forma evangélica para que a sua substância

humana seja irrigada de seiva divina, para que a água dos nossos amores e das nossas labutas se transforme em vinho da vida eterna?

É, claramente, a intuição de base do nosso Movimento conduzir cada casal, unido pelo sacramento do matrimónio, a transformar a sua vida conjugal e familiar em Cristo. Espiritualidade e acção enriquecem-se uma à outra.

Pareceu-nos pertinente tratar o tema de estudo voltando a dar a palavra ao P. Caffarel, retomando os editoriais da *Carta mensal das Equipas de Nossa Senhora*, escritos nos primeiros trinta anos do Movimento.

O P. Caffarel não deixou, ao longo do desenvolvimento das Equipas de Nossa Senhora, de preconizar os meios adequados a lançar os casais no caminho da santidade – cujo modelo ele mostrava com S. Paulo: **“Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim;” (Gl 2, 20)**. Esta transfiguração do cristão – e do casal cristão – em Cristo tem as suas exigências. Elas aparecem, claramente, no retomar obstinado dos mesmos temas sob a pena do P. Caffarel. Esta insistência determinou o plano seguido e guiou a nossa selecção dos editoriais.

Confiando nas graças recebidas pelo sacramento do matrimónio, propomo-vos rever, em concreto, juntos, o que significam espiritualidade conjugal e vida cristã e que atitudes nos são pedidas a cada um e em casal.

Tudo começa por uma atitude de desejo (cap.1) que deve alimentar-se pela leitura da Palavra e pela Eucaristia (cap.2) bem como pela Oração (cap.3). Isto não é simples e requer luta (cap.4). Não somos apenas baptizados, mas também casais cuja construção é primordial (cap.5), com a ajuda da equipa (cap.6). Esta atitude leva-nos a viver com Deus (cap.7) e a servir no coração do mundo (cap.8). É a arte de encher as talhas - em todos os momentos da nossa vida - para lhe dar o dinamismo apostólico que não é senão a irradiação de Deus.

Assim, o tema está dividido em 8 capítulos:

1. Desejar
2. Alimentar-se
3. Orar
4. Lutar
5. Construir o casal
6. Construir a equipa
7. Viver o quotidiano
8. Preocupar-se com os outros

Para alimentar a nossa reflexão, cada capítulo compõe-se de vários textos do P. Caffarel, reproduzidos aqui na sua versão original.

Encontrarão seguidamente:

- pistas para debate em casal;
- pistas para debate em equipa; (Estas pistas são apenas propostas que cada casal e/ou equipa poderá reformular como desejar.)
- um texto de meditação para a oração da reunião;
- uma proposta para viver a entreaajuda.

Os casais das Equipas de Nossa Senhora devem praticar profundamente a entreaajuda, tanto no plano material como no plano espiritual, obedecendo ao mandato de S. Paulo: ***“Levai os fardos uns dos outros, e desta maneira cumprireis a lei de Cristo.”***

Daí as sugestões que se seguirão em cada capítulo.

Notas:

- ✓ As verdades eternas, traduzidas na nossa linguagem, desenvolvem-se em pormenores marcados pela época. E a nossa sofre mudanças aceleradas. Eis a razão pela qual nós datámos os textos do P. Caffarel, como ele próprio o teria feito, o que situará certas alusões ou comparações que já não são actuais.
- ✓ Este tema foi redigido no ano do Cinquentenário da Carta das Equipas de Nossa Senhora e procura ser uma homenagem ao nosso fundador.

1ª Reunião

DESEJAR

Uma das condições para entrar nas Equipas de Nossa Senhora é ter o desejo de progredir espiritualmente – pessoalmente e em casal. Este desejo pode diluir-se e perder-se nas areias dos hábitos e da rotina. É indispensável cuidá-lo e renová-lo. O P. Caffarel lembra-no-lo por diversas ocasiões.

Que vindes fazer para as equipas?

Já, em 1948, o P. Caffarel ergue diante dos olhos dos equipistas a alta figura de S. Paulo e a sua busca apaixonada de Cristo.

«Durante as últimas férias, fiz numerosos e longos passeios solitários na floresta. Levava comigo as epístolas de S. Paulo. Mais uma vez, fiquei impressionado pelo indefectível apego do Apóstolo a Cristo.

*Ao longo das minhas leituras, vós estáveis, queridos amigos, muito presentes na minha meditação e o tema da próxima nota a dirigir-vos impunha-se-me: É preciso, às Equipas de Nossa Senhora, visar o essencial. As trocas de pontos de vista, as sólidas amizades, a entreeajuda material e moral, tudo isso não é o objectivo primeiro. **O essencial é procurar Cristo.** Infelizmente, as palavras estão gastas; temo que a expressão “procurar Cristo” desperte em vós apenas um eco muito fraco.*

Mas eis aqui alguns textos – que digo eu! – alguns gritos de S. Paulo que vos vão mostrar o que é procurar Cristo e, tendo-O encontrado, pertencer-Lhe.

S. Paulo está habitado pela caridade: **“O amor de Deus nos constrange”** (2 Cor 5,14). **“Quem nos separará, pois, do amor de Cristo? A tribulação? A angústia? A fome? A nudez? O perigo? A perseguição? A espada?... Mas de todas estas coisas saímos vencedores por Aquele que nos amou”** (Rom.8, 35-37).

Sucede-lhe, como a nós todos, encontrar-se diante da alternativa: agradar aos homens ou agradar a Deus. Ele já optou: **“Se agradasse ainda aos homens, não seria servo de Cristo”** (Ga1,10). **“Nós somos loucos por causa de Cristo”** (1Cor 4,10).

Cristo é o centro da sua vida. Mas ele não hesita em sacrificar as doçuras da sua intimidade, para ir ao encontro dos seus irmãos, para que eles, por sua vez, pertençam ao seu mestre. **“Vejo-me em aperto por duas partes: desejo partir para estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor; mas permanecer na carne é mais necessário por vossa causa”** (Fil, 23).

Sofrimentos diversos não lhe foram poupados e, sem dúvida, conheceu horas de angústia. Ele reagiu: **“Sei em Quem pus a minha confiança”** (2 Tim.1, 12). Será que apreendeis tudo o que está contido nestas palavras, de coragem heróica, de ternura de coração? A sua vida só tem uma razão de existir. Ele será fiel até ao martírio: **“É preciso que Ele reine”** (1Cor. 15, 25).

Sem dúvida, estamos bem longe de uma tal santidade. Mas a questão é de saber, se sim ou não, queremos ser possuídos pela mesma paixão devoradora. E voltando às Equipas, se é isto **em primeiro lugar** que vindes aqui procurar, se este desejo paira nas vossas trocas de pontos de vista, nas vossas orações, se é a razão de ser da vossa amizade e da vossa entreajada.»

(Carta mensal, Novembro de 1948)

Objectivo nº1

Dois anos mais tarde, o P. Caffarel volta ao assunto, por ocasião das Jornadas de responsáveis de equipa. Após ter constatado o bom nível das Jornadas, ele regista o sentimento dominante: “*As Equipas estão solidamente fundadas*”. Mas volta, com insistência, ao seu objectivo primeiro:

«Se vos falo nestas Jornadas, não é tanto para vos convidar só a cantar vitória, mas para vos pedir para acentuar o esforço. E, em primeiro lugar, visar com justeza. Quero dizer, discernir correctamente o objectivo, para caminhar a direito para ele.

Qual é, então, esse objectivo?

Será a entreatajuda fraternal, no plano material e no plano espiritual? Nunca será repetido excessivamente: – “Amái-vos, ajudai-vos, esta é a lei de Cristo”. Mas, contudo, não está aí o nosso objectivo n.º 1.

Será o estudo do pensamento cristão? – Nunca será demasiado elevado: não há verdadeiro cristianismo sem uma fé esclarecida, fortalecida, viva. Mas, também, não está aí, para as Equipas, o objectivo n.º 1.

Será a aprendizagem da oração? – É com efeito um aspecto característico das Equipas, este lugar importante consagrado à oração. Mas ainda não está aí o objectivo nº1.

*O objectivo nº1, ainda que implique todos estes objectivos, excede-os e ultrapassa-os: é a **união com Cristo**.*

União a Cristo, quer dizer:

- *Imitação de Cristo, em todas as horas e em todas as actividades da vida.*

- *Comunhão com a paixão e a vitória de Cristo.*
- *Identificação a Cristo, até podermos afirmar, como S. Paulo: já não sou eu que vivo, que amo, que peno, que oro, é Cristo quem vive em mim, ama, pena e ora.*

Eis o objectivo.¹

Compreendeis agora por que vos peço frequentemente para considerardes a vossa pertença às Equipas como algo essencial na vossa vida?

*Não é essencial estar inscrito no clube alpino, aderir a tal Associação de antigos alunos, etc. Mas a união a Cristo é, para vós, **essencial**, e se as Equipas de Nossa Senhora se vos apresentam como um **meio providencial** de o alcançar, então eu posso dizer que as Equipas devem tomar um **lugar essencial** na vossa vida.*

O amadorismo está excluído!»

(Carta mensal, Fevereiro de 1950)

Para Deus

Ainda um texto forte do P. Caffarel para voltar a explicitar a orientação fundamental que deve ser a de um casal que entra para as Equipas de Nossa Senhora. Após ter relembado a importância da intenção, ele engrena:

¹ Dir-me-eis talvez que não é nada original, que este objectivo também o é para muitos outros grupos. Claro, e nós não pretendemos monopolizar. A nossa originalidade não reside aí. Ela está nos meios para alcançarmos este objectivo. Mas essa é outra questão. Voltaremos a falar dela.

«Quanta diversidade de intenções, no fundo dos corações, em certas equipas! Um vem mais ou menos arrastado pelo seu cônjuge e para lhe dar prazer; aquele casal, recém-chegado à cidade, está feliz por aí estabelecer relações; um outro decidiu-se “porque é preciso fazer qualquer coisa”; encontramos também, muitas vezes, o caso do casal atraído na esperança dum certo apoio para a sua vida conjugal; e talvez mesmo em certa cidade ficará “bem” pertencer às Equipas.

E depois há aqueles que não têm intenção, vêm apenas pela rotina, para não magoar os co-equipistas com a sua partida.

Ora, eu afirmo que nenhum destes motivos justifica a presença numa equipa. Alguns não são maus, mas nenhum é o verdadeiro, nenhum é o que corresponde à razão de existir do Movimento. É normal que um ou outro destes motivos acompanhe o verdadeiro, mas nenhum deveria ser o motivo determinante.

A única intenção verdadeira, aquela que corresponde à finalidade das Equipas, é a vontade de melhor conhecer Deus, de melhor O servir e amar. Vimos para as Equipas de Nossa Senhora, permanecemos aí por Deus. O motivo da entrada, o motivo da permanência na equipa é religioso, isto é, relativo a Deus.

Aliás, como poderão os equipistas aceitar a Carta – penso na primeira parte desta – se tal não for a sua motivação? Sei bem que as motivações se tornam anémicas com a passagem do tempo e, por vezes, insensivelmente são mascaradas ou asfixiadas pelo inebriamento dos motivos secundários ou falsos. O casal, ou o indivíduo, que entrou com a intenção verdadeira, pode permanecer na equipa apenas por uma motivação secundária ou não válida.

É por isso que é necessário verificar, nas reuniões mensais, o norte para o qual cada um está orientado. Tarefa do Responsável e

do Conselheiro Espiritual, aos quais convém lembrar a razão da existência das Equipas, nomeadamente nas reuniões balanço e antes da renovação anual do compromisso (da qual é um dos principais significados), depois, ao longo do ano, retomando a leitura, se não for de toda a primeira parte da Carta, pelo menos, de vez em quando, de algumas passagens que definem os grandes eixos espirituais do Movimento.

Como quereis que uma equipa onde existe disparidade de motivações – pensai nas várias razões que enunciei atrás – não achesse uma crise grave? Ela está habitada por forças (ou fraquezas) divergentes, opostas, incompatíveis. Basta um pequeno acontecimento para desencadear tensões, confrontações entre os seus membros, precipitar a crise inevitável. Muitas vezes atribuir-se-á a falsas razões este estado de crise: ao mau carácter, faltas de caridade, divergência de gostos, quando a causa é bem mais radical – a disparidade de intenções.

Todos os remédios, então, serão paliativos, mesmo os esforços de caridade fraterna, se não tentarmos a conversão das intenções – ou a retirada. A lealdade exige que os membros de um Movimento aí entrem e aí permaneçam unicamente se a sua motivação corresponde ao ideal proposto pelo Movimento.

*Como seriam fortes, santificadoras e riosas as nossas equipas, se todos os seus membros só aí entrassem e aí se conservassem **por Deus!**»*

(Carta mensal, Dezembro de 1962)

Para debater em casal

◆ Escreva cada um, para si, o que lhe evoca a palavra santidade e partilhe, seguidamente, as suas ideias sobre este assunto.

◆ Estais animados pelo desejo de santidade para vós e para o vosso cônjuge? Este desejo continua vivo e actuante em vós ou é inexistente ou está adormecido? Pensais poder reacendê-lo? E de que forma?

◆ Por que entramos nas Equipas de Nossa Senhora? Por que permanecemos? (Cada um poderá explicar como sente a motivação do outro).

Para debater em equipa

◆ O Concílio Vaticano II recordou-nos que todos os homens são chamados à santidade. De que é que se trata quando se fala de santidade? Que evoca esta palavra em vós? Estamos todos de acordo, em equipa, com uma definição (ou descrição) da santidade?

◆ Como permitir aos outros a descoberta de que eles também são chamados à santidade?

◆ Retomar em equipa o que pode ser partilhado da discussão em casal e fazer uma ronda sobre as motivações profundas da nossa pertença às Equipas de Nossa Senhora.

Oração para a reunião (Mt 5, 43-48)

A perfeição está no amor

“Ouvistes o que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. Eu, porém, digo-vos: Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem. Fazendo, assim, tornar-vos-eis filhos do vosso Pai que está nos Céus; pois Ele faz que o sol se levante sobre os bons e os maus e faz cair chuva sobre os justos e os pecadores. Porque, se amais os que vos amam, que recompensa haveis de ter? Não o fazem já os publicanos? E se saudais somente os vossos irmãos que fazeis de extraordinário? Não o fazem também os pagãos? Sede, pois, perfeitos, como é perfeito vosso Pai celeste.”

Para viver a entreaajuda

Em função do que foi discutido, fixar, em equipa, um meio concreto para fazer crescer o nosso desejo de Deus.

2ª Reunião

ALIMENTAR-SE

A vida em Cristo exige ser constantemente alimentada. Se não, ela estiola e corre o risco de se apagar na primeira tempestade. Mas não se trata apenas de vegetar: o que se procura é uma vida em plenitude, é a superabundância de vida que é a vitalidade. Preocupação permanente do P. Caffarel: desenvolver a vitalidade teologal dos indivíduos e dos casais, sendo, por isso, necessário conduzi-los a alimentarem-se espiritualmente.

Porquê tantos insucessos?

O P. Caffarel considera-se um prático: alguém que ausculta a realidade para chegar a um diagnóstico e propor os remédios adequados. Ora o que é que ele constata? *“Quantos inícios de vida, alegres e plenos de promessas, dos quais fomos testemunhas! E vinte anos depois que insucessos, secretos ou públicos! Diagnóstico: mediocridade e amolecimento. A causa: falta de alimento. Remédios: Eucaristia, Palavra de Deus e Oração.”*

«A explicação parece-me impor-se. Da mesma forma que o organismo físico fica depauperado, quando as suas necessidades essenciais não são satisfeitas (privado de água, desidrata-se rapidamente; privado de alimento, fica anémico; com falta de sono, a depressão nervosa espreita; se o oxigénio é insuficiente, asfixia), igualmente o organismo espiritual, frustrado nas suas necessidades vitais, apresenta fenómenos análogos: anemia espiritual, baixa de vitalidade, perda do gosto na vida interior. Na verdade, o interessado, frequentemente, não tem consciência da alteração da sua saúde moral. Mas se surge uma epidemia – quer dizer uma

tentação – é a catástrofe. As pessoas espantam-se perante uma queda abrupta. Com efeito, ela só é brusca, aparentemente, pois preparava-se há longa data. Quantas vezes ouvi: “Durante vinte anos foi um casal que era dado como um exemplo, e subitamente...” Não, não é bruscamente: há muito tempo que andava em estado de menor resistência.

Numerosas são as necessidades vitais do organismo espiritual. Há três que me parece urgente relembrar. Os ensinamentos dos autores espirituais, mas mais ainda a experiência de vinte anos de vida sacerdotal, convenceram-me da sua imperiosa necessidade.

A nossa geração – teoricamente – não merece crítica por menosprezar a Eucaristia. Ela nasceu para a vida cristã na sequência dos decretos de Pio X sobre a comunhão precoce e frequente. Jovens rapazes e raparigas habituaram-se a comungar ao Domingo, muitos mesmo à semana. Mas quantos abandonam a comunhão na hora em que ela seria mais necessária: para ultrapassar as dificuldades da vida conjugal, enfrentar os compromissos políticos, vencer o materialismo circundante, serem preservados desta queda no meio da vida “que fazem voluntariamente por enfado... porque o caminho é longo e porque o término está longe, porque estamos sós e não existe consolação” (Claudel).

Não foi por acaso que, para Se nos dar, Cristo tomou o pão e não um alimento raro: o pão é alimento quotidiano. Os cristãos todos os dias pedem ao Pai o Pão insubstituível. Inconsequentes, negligenciam ir procurá-Lo. Pensarão eles que poderão viver sem comer!

Existe um outro alimento, não menos necessário que a Eucaristia ao organismo espiritual, e ainda mais negligenciado: a Palavra de Deus (Antigo e Novo Testamento). Convidamos os católicos a comprarem uma bíblia e eles fizeram-no. Ela está lá, na mesinha de cabeceira, servindo de base a um candeeiro. Mas abrem-na? Ora o

*amor tem necessidade de troca, de comunicação. Entre um oficial que está longe e a sua mulher que ficou em França, que negligenciam corresponder-se, acreditam que o amor resistirá muito tempo? O nosso amor por Deus, para permanecer vivo, exige uma fé, um conhecimento vivo: “ **A vida eterna é que eles conhecem-Te, a Ti , o único verdadeiro Deus.**” Ora o meio privilegiado para possuir uma fé viva é deixar penetrar em si a Palavra de Deus, viva, criadora, recriadora. É Ela, apresentando-nos as grandes obras do Senhor, as **Magnalia Dei**, que tem o poder de despertar tudo o que há em nós susceptível de admiração e louvor; é Ela, redizendo-nos as promessas divinas, que faz brotar a nossa esperança; é Ela, revelando-nos o amor infinito de Deus, que faz atear em nós o Fogo que o Cristo veio trazer à Terra. Nada mais evidente que a vida divina – fé, esperança e caridade – decline e se apague naquele que omite escutar o seu Deus que lhe fala.*

A oração não é menos necessária. Ela salva da asfixia a nossa alma “sequestrada”, como diz Claudel. Com a oração, a “prisioneira” volta ao ar livre e respira. A sua vitalidade, alimentada pelo Pão da Palavra e pelo Pão Eucarístico, pode, enfim, manifestar-se: a Deus que lhe falou, ela responde; a Deus que Se deu, ela entrega-se. Entre Deus e a alma instala-se uma troca viva, esta comunhão à qual todo o amor aspira. E pouco a pouco a vida inteira daquele que faz oração, e porque faz oração, tornar-se-á oração.

Eu já sei o que me vão objectar(...) “Como quer que, com os nossos dias devorados pelas obrigações profissionais ou domésticas, possamos encontrar tempo para ir à missa, ler as Escrituras, fazer oração?” – “Vós encontrais tempo para comer e dormir!” – “Tem de ser.” – “Sim, mas toda a questão está em saber se, recusando deixar depauperar o vosso organismo físico, vós optais por deixar a vossa alma morrer de inanição e achais normal que Deus seja praticamente excluído dos vossos dias.”

Eu conheço homens e mulheres que um belo dia decidiram reagir. Pensaram a sua existência em função da sua vida cristã, e não o inverso. Alguns tiveram de modificar profundamente a organização da vida. Eu não digo, entenda-se, que o conseguiram de um dia para o outro, que o seu programa nunca foi alterado por razões de força maior. Mas o que eu vos posso afirmar, é que para estes empresários, médicos, operários, mães de família numerosa – que não estão menos sobrecarregados do que vós – a vida transformou-se, desde que a Eucaristia, a Palavra de Deus e a Oração encontraram espaço nas suas vidas quotidianas. Por estes eu não temo o insucesso da sua fé nem do seu casal. Estão vivos.»

(Carta mensal, Maio de 1955)

O Pão quotidiano

Depois de ter lembrado o privilégio dos cristãos do séc. XX que, desde Pio X, têm a possibilidade de comungar todos os dias, o P. Caffarel interroga-se (em 1958) sobre o que fazemos com este privilégio.

«Cinquenta anos passaram; onde estamos nós? O entusiasmo e o ardor em direcção à mesa da comunhão foram de curta duração. A rotina, essa velha feiticeira, retomou os seus direitos. Abusos e negligência, dois dos seus frutos, eis o que se nos impõe constatar numa grande escala. Abusos: comungar na missa de Domingo para muitos não passa de rotina; não nos preparamos, esquecemo-nos de nos examinarmos, como pede S. Paulo, a acção de graças é escamoteada e o dia passa esquecendo a Eucaristia. Negligência: se muitos cristãos adquiriram o hábito de comungar na missa dominical poucos vão diariamente à missa comungar. Não é por

escrúpulo excessivo de pureza, nem por extrema reverência diante do Santo Sacramento, motivos que outrora retinham certos jansenistas e que tinham a sua dignidade. Não, as razões são mais prosaicas. Falta de tempo, dizem uns; incompatibilidade com as horas de trabalho, avançam os homens – com as saídas para a escola, dizem as mães de família. E, claro, muitas vezes é verdade. Mas quantas vezes não é o pretexto? A prova é que as extraordinárias facilidades oferecidas aos cidadãos – missa do meio-dia e meia, dezoito ou dezanove horas, a nova regulamentação do jejum eucarístico – não alteram quase nada. É preciso procurar mais em profundidade para encontrar a verdadeira explicação, para compreender o comportamento ilógico dos cristãos que no Pai Nosso pedem o seu pão de cada dia e renunciam a ir buscá-lo. No fundo falta-lhes estima, e fé viva, para com a Eucaristia. – Os protestos que surgem, quando eu apresento esta explicação, não me fazem mudar de ponto de vista. Se a fé e a fome demasiado fracas não são suficientes para os conduzir à Eucaristia, pelo menos deveriam ir até ela pela simples docilidade ao chamamento de Cristo, que a Igreja traduz. (...)

*Mas, com efeito, conhecem eles o pensamento da Igreja? Os pais e os educadores junto dos seus filhos, os padres junto dos seus fiéis, terão transmitido bem a mensagem? Os nossos cristãos de 1958 sabem, é certo, que se pode comungar todos os dias; essa é uma devoção edificante, pensam eles; mas os melhores, mesmo os militantes, no seu conjunto, terão compreendido que o regime normal do cristão normal é a comunhão quotidiana? Contudo, que existirá de mais explícito que esta outra palavra do mesmo Pio X: **“A Igreja deseja que todos os fiéis se aproximem diariamente da santa mesa.”** (...)*

A Eucaristia ocupa um lugar central na vida cristã, mas ela não deve ser isolada dos outros elementos desta vida cristã, cujo terreno lhe é preparado por alguns destes e outros são o seu fruto. Contentar-me-ei em mencionar três de insubstituível importância: a

cultura da fé, concretamente por um contacto habitual com a Palavra de Deus; a oração, entendo, a oração mental designada por meditação ou oração; e o amor ao próximo, um amor simultaneamente vivo e eficaz. Voltam a gritar-me: «Nem pense, não conhece a nossa vida de leigos!». O que eu sei é que não há cristãos de saldo. Eu conheço também alguns cristãos – perfeitamente normais, garanto-vos – que consideram que as suas necessidades vitais do organismo espiritual, não mais que as do corpo, se forem negligenciadas, correrão perigo grave.

Não nego que alguns, apesar do desejo que têm, estão impossibilitados de irem a uma missa diária. Que se tranquilizem. O sofrimento desta privação e o desejo que alimentam obter-lhes-ão as graças que Deus reserva aos seus filhos impedidos de se alimentarem nas fontes sacramentais.

Mas estou convencido que poder-se-ia esperar dias futuros magníficos para a nossa cristandade se, finalmente, conseguíssemos compreender que a missa e a comunhão diária são o regime normal do cristão, que, ao dispensar-se disso, sem uma razão válida, dá provas de um impressionante desconhecimento deste dom prodigioso do amor divino que é a Eucaristia. Veríamos multiplicarem-se as vocações sacerdotais e religiosas: alimentadas pela Eucaristia, as almas aspiram a um dom cada vez mais total. Assistiríamos a uma fecundidade inesperada dos nossos movimentos católicos. E o sacramento do casamento, “superactivado” pela sua ligação à Eucaristia, daria os seus efeitos de fidelidade, de pureza, de santidade conjugal.»

(Carta mensal, Março de 1958)

O Mistério do Evangelho

Se nós conhecêssemos o mistério do Evangelho! O P. Caffarel tenta desvendá-lo.

*«O que faz o valor do Evangelho e a importância do livro dos Evangelhos, não é apenas por recolher os gestos e os ditos de Jesus Cristo, nosso Senhor, mas, segundo a forte palavra de Santo Agostinho, por ser **“a própria boca de Jesus Cristo”**».*

*Enganar-vos-íeis se vísseis no Evangelho palavras antigas, piedosamente conservadas, as palavras do maior dos homens que alguma vez esteve na terra. O Evangelho é a Voz, **viva e permanente**, de um vivo, de um grande Vivo, presente hoje entre nós, segundo a Sua promessa: **“Eu estarei sempre convosco até ao fim do mundo.”***

Esta Palavra dirige-se a toda a Igreja, sem dúvida, mas também a cada um de nós. Tenho razão ao pensar, abrindo o Evangelho: Alguém fala comigo. É muito diferente ler um livro ou um artigo do jornal, que se dirige a toda a gente e a ninguém, ou uma carta que me é dirigida pessoalmente. Ora, o Evangelho é essa carta de Deus endereçada a mim.

Alguém dirige-se-me. Jesus Cristo fala-me. É, já por si, um facto extraordinário. Mas de que palavra se trata? Pois há palavras e palavras. Há a palavra do oficial que comanda: visa fazer agir. Existe a palavra do professor que ensina: visa comunicar um saber. Há também a palavra do jovem confessando à rapariga: “Amo-vos”. Muito mais que uma ordem, muito mais que um ensinamento, uma tal palavra abala inteiramente. Decide um destino.

Através do Evangelho, Jesus Cristo fala e, inequivocamente, Ele ensina aquilo em que é preciso acreditar e, sem dúvida, Ele ordena

o que é preciso fazer, mas antes de tudo Ele expressa-se, Ele faz-me a confiança que toca: “Eu amo-te, até ao sacrifício da minha vida”. A fé, pela qual eu respondo à sua confissão, é bem melhor que a simples adesão da minha inteligência ao seu ensinamento, bem melhor que a obediência aos mandamentos, é o ímpeto de todo o meu ser pelo qual eu me entrego a Ele sem reservas.

Mas existe algo de mais belo e mais misterioso ainda. A Palavra de Cristo no Evangelho não só é ensinamento, mandato, confissão de amor. Ela é acto. Ela opera. Esta Voz que eu ouço, lendo o Evangelho, é a que amaina a tempestade furiosa, que cura a lepra, a mesma que ressuscita os mortos, que perdoa os pecados, que gerava os filhos de Deus (Tgo. 1,18; Ped.1, 23-25).

Ora, Ela não perdeu nem o seu poder nem a sua actualidade. Os Orientais compreendem-no e precipitam-se em direcção ao Livro, quando o Padre lê o Evangelho, como, outrora, as multidões acorriam a Cristo.

*Compreendeis agora que o Evangelho possa ser aproximado da Eucaristia. Que seja considerado “sacramento”, na acepção antiga do termo e que Santo Agostinho tenha podido escrever: “Pelo seu Evangelho, Jesus Cristo está realmente presente entre nós. Aliás é Jesus Cristo, Ele próprio, que nos convida a aproximar o Evangelho da Eucaristia. Escutai estas duas frases quase idênticas, uma referindo-se à Eucaristia: – “**Quem come e bebe o meu sangue tem a vida eterna (Jo.6,54)**”, a outra visando a Sua Palavra: – “**Se alguém observa a Minha palavra, nunca mais experimentará a morte (Jo.8, 51)**”.*

Por que será então que os melhores cristãos, aqueles que anseiam por receber a Eucaristia, mostram tanta negligência para “escutar” e “observar” a Palavra de Cristo e são tão pouco habitados pela Palavra Poderosa?»

(Carta mensal, Janeiro de 1964)

Nota: A vida espiritual não pode desenvolver-se se não for alimentada. Três grandes meios de a alimentar são aqui propostos: a Eucaristia, a Palavra de Deus e a Oração. Nós deixaremos a oração para o próximo capítulo.

Interroguem-nos sobre a nossa participação na Eucaristia e sobre a nossa escuta da Palavra de Deus.

Para debater em casal

◆ Reflectir cada um no sentido da Eucaristia para a sua própria vida e partilhar depois em casal o fruto dessa reflexão. Ver como poderão progredir e entreeajudarem-se.

◆ Qual a frequência da nossa participação na Eucaristia? Porquê? Que traz essa participação ao casal?

◆ Teremos nós procurado soluções para participar nela durante a semana? Por exemplo, conhecemos os horários da missa semanal da nossa paróquia ou perto do nosso local de trabalho?

◆ Consideramos o convite à participação frequente na Eucaristia como demasiado exigente?

◆ Colocar-se questões análogas para a leitura da Palavra de Deus. Que lugar tem ela na nossa vida? Consideramo-la uma carta pessoal de Deus? Como poderemos entreeajudarmo-nos?

Para debater em equipa

◆ *“Se não comerem a minha carne, não tereis a vida em vós.”* Estamos convencidos da importância da Eucaristia para alimentar a nossa vida espiritual? Partilhamos a nossa prática eucarística, a sua frequência (nomeadamente dominical), a nossa forma de nos prepararmos, etc.?

◆ Qual é o lugar da Palavra de Deus na nossa vida? Leitura quotidiana ou não? De que forma? Que procuramos aí? Que fazemos para melhor A compreender? ...

◆ Participamos na preparação concreta das Eucaristias (equipas litúrgicas...) ou encontros eclesiais acerca da Palavra de Deus (grupos bíblicos, grupos de leitura familiar e orante da bíblia...) ?

Oração para a reunião (Jo 6, 48-56)

Quem não come, não pode viver

“Eu sou o Pão da Vida. Os vossos pais comeram o maná no deserto e morreram. Mas este é o pão que desceu do Céu e quem dele comer não morrerá. Eu sou o pão vivo que desceu do Céu. Se alguém comer deste pão viverá eternamente; e o pão que Eu hei-de dar é a minha carne pela vida do mundo”.

Discutiam então os judeus uns com os outros, dizendo: “Como pode ele dar-nos a comer a Sua carne?” Disse-lhes Jesus: “Em verdade, em verdade vos digo: Se não comerdes a carne do Filho do Homem, e não beberdes o Seu sangue, não tereis a vida em vós. Quem come a Minha carne e bebe o Meu sangue tem a vida eterna e Eu ressuscitá-lo-ei no último dia. Porque a Minha carne é, em verdade, uma comida e o Meu sangue, em verdade, uma bebida. Quem come a Minha carne e bebe o Meu sangue fica em Mim e Eu nele.”

Para viver a entreaajuda

Tentarem encontrar-se em equipa para a Eucaristia de Domingo e ajudarem-se para participarem durante a semana (uma escolha criteriosa dos horários poderia permitir esse encontro...)

3ª Reunião

ORAR

Entre os alimentos essenciais da vida cristã, a oração, especialmente sob a forma de meditação, não está longe de aparecer como o mais fundamental, tornando os outros alimentos assimiláveis pelo nosso organismo espiritual. Essa era a convicção do P. Caffarel. Daí a sua insistência neste assunto.

1/96

Num editorial de Novembro de 1952, o P. Caffarel punha sob os olhos dos seus leitores uma régua graduada com 96 divisórias.

«Olhai para esta régua com 96 divisões: os 96 quartos de hora que constituem um dia. Contai, a partir da esquerda, o número de horas que reservais para o sono e fazei um risco vertical. Contai, em seguida, o número de horas de trabalho, profissional ou doméstico: outro traço. Depois as horas das refeições, depois o tempo das deslocações, da leitura do jornal, etc. Por fim, desta vez partindo da direita, o tempo que consagrais à oração. E depois comparai!

Dizeis-me: “Nada de mais enganador este tipo de cálculos. Aproximar realidades que não o podem ser. A oração não é uma questão de tempo. Como não é o amor: não é porque passo dez horas por dia no trabalho e muito pouco tempo a conversar com a minha mulher e os meus filhos que eu não os amo, que os amo menos do que ao meu escritório. O amor não é uma questão de tempo.”

A saber! Quantas vezes o amor dos esposos, a afeição entre pais e filhos torna-se periclitante, precisamente porque negligenciamos o seu cuidado e aprofundamento! Os amores humanos exigem encontros, partilhas, momentos de coração a coração. É vital.

O mesmo se passa com o amor de Deus. Definha no cristão que não arranja todos os dias momentos de encontro com o Senhor, momentos de partilha, de intimidade, isto é, de oração. Não é menos vital.

E quem me retorquir “Mas onde quer que eu encontre tempo para orar?” ou não percebeu bem o carácter vital da oração para alimentar a vida religiosa, ou, então, tem algo de alienado como uma mãe de família numerosa que, sofrendo de grave anemia, respondesse ao médico: “Como quer que eu tenha tempo para comer, com oito crianças e tudo o que isso implica, biberões, fraldas para lavar, as retroversões de latim dos mais velhos...?”

A questão está em saber se é vital comer, a questão está em saber se é vital orar.

Apesar de tudo, será talvez nossa a culpa, nossa dos padres, se os cristãos não acreditam no valor da oração: prevenimo-los suficientemente de que a anemia espiritual está à espreita?

Quando eles vêm confessar as cobardias, o orgulho, a impureza, em vez de os pressionar a fazer um esforço para não recomeçarem, será que lhes chamamos a atenção sobre a causa: o seu estado de menor resistência, que os torna terrivelmente vulneráveis? Recomendamo-lhes o único meio que lhes permitirá adquirir uma vitalidade espiritual e, por isso, resistir às ameaças do exterior e do interior: a oração?

O grande remédio não estará antes na Eucaristia? - dir-me-ão. Sem dúvida, mas a Eucaristia, numa alma que não reza, é semente em terra não lavrada, não pode produzir frutos. Creio poder afirmá-lo com segurança, depois de vinte anos de ministério, que o cristão que não consagra por dia 10 minutos a um quarto de hora (a 96ª parte do dia) a esta forma de oração a que chamamos meditação ficará sempre infantil ou, antes, perecerá. Conhecerá graves crises, das quais não sairá glorioso, ou talvez donde não sairá durante muito tempo.

Em vez de me alongar no aspecto negativo da questão, prefiro terminar evocando tantos homens e mulheres que eu conheço bem, não menos carregados de filhos, não menos sobrecarregados de trabalhos profissionais e domésticos que os outros, e cuja vida cristã, que tem sido aprofundada, desabrocha e irradia, porque a oração é o seu alimento quotidiano. Compreenderam que é vital. Vivem-no.»

(Carta mensal, Novembro 1952)

Maiores?

Num editorial destinado à Carta mensal e cuja abrangência imprevista fez aparecer no “Anneau d’Or²”, o P. Caffarel interrogava-se sobre a ineficácia aparente do esforço dos cristãos no domínio temporal e no domínio apostólico. Ele perguntava-se porquê e concluía: falta de vitalidade, pois falta a oração.

«(...) Seria, verdadeiramente, demasiado simples e demasiado simplista criticar os nossos contemporâneos e declará-los impermeáveis ao cristianismo. Demasiado fácil, dizer pura e simplesmente que a pastoral tradicional está ultrapassada, que os nossos métodos de apostolado falharam e que é preciso encontrar novos. Reconhecendo a parte de verdade contida nestas asserções, creio que o mal é mais profundo. O que me parece faltar à comunidade cristã e aos seus membros, é a vitalidade: nenhuma violência, nenhuma paixão os habita.

² L’ Anneau d’Or era uma revista de espiritualidade conjugal e familiar, fundada pelo P. Caffarel em 1945 e que terminou em 1967.

Desta inquietante anemia, creio, por meu lado, encontrar a razão no desapego dos cristãos de hoje por esta forma de oração, de encontro a dois, de homem para Deus, que se chama meditação. Naqueles que a negligenciam, a eficácia da Palavra de Deus e dos sacramentos é como que travada.

Porque eles não absorvem, pela oração, a força divina, estes cristãos amolecem na acção; porque não contemplan as grandezas de Deus, permanecem pusilânimes; porque não se elevam até aos pensamentos do Senhor, limitam-se a uma visão de míopes sobre os problemas do mundo; porque não se ligam à energia criadora, são ineficazes. Numa palavra, quando não praticam a meditação, os cristãos permanecem presos num estádio infantil.

(...) Em todos os homens de oração cuja evolução pude seguir, constato, com efeito, uma afirmação de personalidade, uma maior serenidade, uma visão simultaneamente mais ampla e realista dos problemas, uma eficiência multiplicada – numa palavra, um acréscimo de vitalidade humana e sobrenatural. Não se tornam, por isso, perfeitos de um dia para o outro, não ficam miraculosamente libertos dos seus defeitos e dos seus limites. Mas, enfim, são maiores.

Acrescentarei que apenas eles estão verdadeiramente presentes no mundo – ainda que não lhes sejam dadas vastas responsabilidades na Igreja ou na Cidade (“os nossos passos percorrem a rua, mas o nosso coração bate no mundo inteiro” – escrevia uma mãe de família). A presença, efectivamente, é antes de mais de ordem espiritual. Lembrai-vos de Moisés rezando na montanha, enquanto os israelitas combatiam na planície (Ex. 17, 8-13). Ele está de tal modo presente que, quando ergue os braços em direcção ao Todo-Poderoso, as suas tropas sobrepõem-se ao inimigo; logo que os braços lhe descaem de fadiga, os seus homens ficam como que esvaziados de energia e fogem. Enquanto os cristãos não estiverem presentes no mundo, imbuídos dessa presença, serão apenas figurantes e não verdadeiros actores na partida que se disputa.»

(O P. Caffarel volta ao tema da falta de tempo).

«Não vos escondo, ao terminar, que tenho a consciência pesada por ter defendido tanto a causa da meditação. Não será monstruoso ter de multiplicar argumentos para convidar a criança a colocar-se junto ao pai, abrir-se às suas confidências, viver na sua intimidade, expressar-lhe amor e gratidão? E quando este Pai é Deus...»

(L'Anneau d'Or, Janeiro-Fevereiro 1949)

Primeiros conselhos para quem quer fazer meditação³

Incitar a fazer meditação é a primeira etapa, aprender a fazer meditação é a segunda à qual o P. Caffarel se dedicou toda a vida, como se pode constatar nas suas obras, nomeadamente em “**Présence à Dieu**”. Com cartas sobre a oração, das quais extraiu ele próprio estes conselhos para os casais das equipas.

«Não procureis páginas de receitas de eficácia garantida; esforçai-vos antes de apanhar o espírito.

Começar bem

É verdade para a meditação, como para muitas outras actividades, começar bem, sob pena de, ao fim de cinco minutos, nos admirarmos por nos encontrarmos num genuflexório: enquanto o corpo veio para a oração, o pensamento ficou nas nossas coisas.

³ **Oraison** é um termo que não tem correspondência exacta em português, não é meditação no sentido mais corrente do termo, mas porque se trata de um exercício espiritual de oração meditada e para tornar mais acessível o conceito, optou-se por esta tradução. (N.T.)

Por isso, aconselho-vos vivamente a cuidarem os gestos e atitudes no início da meditação. Uma atitude nítida e firme de homem desperto, presente para si mesmo e para Deus; uma inclinação profunda ou um sinal da cruz, lento, carregado de sentido. Lentidão e calma são de uma grande importância para romper o ritmo precipitado e tenso de uma vida atarefada e apressada. Alguns instantes de silêncio, como um golpe de freio, contribuirão para vos introduzir no ritmo da meditação e operar a ruptura necessária com as actividades precedentes. Também pode ser bom recitar uma oração vocal, muito lentamente, a meia voz.

Tomai consciência, então, não digo da presença de Deus, mas de Deus presente: o vivo, o Grande Vivo, que está ali, que espera por vós, que vos vê, vos ama. Ele tem a sua ideia sobre esta oração que começa e pede-vos para estarem cegamente de acordo com o que Ele quer.

Atitudes interiores

Cuidai as atitudes interiores mais ainda que as do corpo. As atitudes fundamentais do homem face a Deus: dependência e arrependimento.

Dependência: não a vaga submissão daquele que, por vezes, deve renunciar a um projecto para fazer a vontade de Deus, mas uma dependência bem mais radical, aquela da torrente (que deixa de existir, se se desliga da fonte), do sarmento (que seca e apodrece, quando se separa da cepa), do corpo humano (que não é mais que um cadáver, quando se rompe o laço que o prende à alma).

Arrependimento: este sentido agudo da nossa indignidade matricial na presença de Deus. Como S. Pedro que, de repente, se prostra diante de Cristo: ***“Retira-te de mim, eu não passo de um pecador.”***

Estas duas atitudes são importantes para abrir em vós as vias do Senhor.

Com esta disposição de alma, pedi a graça da meditação, pois já vos disse, a meditação é um dom do Senhor antes de ser uma actividade do homem. Chamai humildemente o Espírito Santo, é Ele o nosso Mestre para rezar. Podeis então adoptar uma atitude corporal mais favorável à liberdade da alma.

Exercício das virtudes teologais

Assim preparada, a meditação propriamente dita pode começar. Que esperais? Que Deus tome posse de vós. E o único meio é socorrer-se destas três grandes faculdades sobrenaturais que o Senhor nos deu precisamente para entrar em contacto, em comunhão com Ele (é, por isso, que lhes chamamos virtudes teologais): a fé, a esperança, a caridade. São em vós dinamismos sobrenaturais prontos a entrar em jogo desde que vos dirijais a Deus.

Exercei a vossa fé. Não vos peço para especular sobre Deus, mas para pensar n'Ele meditando no que Ele vos diz pela Criação – onde tudo fala das suas perfeições – pela Bíblia e, sobretudo e primeiramente, pelo Seu Filho que só incarnou, viveu, morreu com o fim de nos revelar o amor infinito do Pai. É o grande mérito de um S. Bernardo, dos Franciscanos do séc. XIII e do séc. XIV, de S.to Inácio de Loiola, de ter lembrado às almas de oração que Jesus Cristo é, podemos dizê-lo, o grande tema de meditação.

Mas o importante não é pensar muito, é amar muito. Tendo posto em movimento a caridade, exercei a fé. De novo acabo de empregar o termo “exercer”. Não se enganem, não preconizo um voluntarismo desenfreado. O exercício da fé e da caridade deveria ser também natural e leve como a respiração. Exercer a caridade não consistirá tanto em fazer surgir em vós emoções, fervores e sentimentos, mas

antes em aderir com toda a vossa vontade a Deus, Ele mesmo, e abraçar os Seus desejos e interesses.

É próprio do amor aspirar à união com aquele que amamos – e à felicidade que ele promete. Quando se trata de Deus, esta aspiração chama-se «esperança». Exercei, por isso, também a esperança.

“Meditação teologal”

A meditação, tal como acabo de a descrever, chama-se “meditação teologal”. As más línguas chamam-lhe passatempo para quem vive dos rendimentos. Acreditando nos seus detractores, se ela convém aos monges, não é assunto para os que estão empenhados nos rudes combates da acção. A saber! É preciso preocuparmo-nos com a eficácia, afirmam eles. Poderíamos responder-lhes que louvor e adoração antecedem a acção. Mas já sobre um plano de eficácia onde eles se posicionam, esta meditação defende-se sem dificuldade. “O agir segue o ser”, diziam os velhos escolásticos; ora a meditação teologal, porque é uma prodigiosa renovação do nosso ser colocado em contacto com o seu Criador multiplica a nossa eficiência. Basta ler a vida dos santos, de uma S.ta Teresa de Ávila, por exemplo, para nos convenceremos disso.

“Meditação prática”

Preconizar a meditação teologal não é, no entanto, condenar a outra forma de orar, chamada de “meditação prática”. Não há nenhum motivo para opor estes dois tipos de oração; há até todo o interesse em aproximá-las e combiná-las.

Se é necessário reformar a nossa vida, reflectir sobre os nossos afectos, os nossos pensamentos, os nossos comportamentos, para os rectificar, isso é mais do que evidente. É esse mesmo o objectivo da “meditação prática”. Por que razão não seria a conclusão normal de uma meditação teologal? O olhar da fé, depois de ter

contemplado Deus virar-se-ia para a nossa vida: a caridade, depois de ter renovado a nossa intimidade com Ele, incitar-nos-ia a servi-Lo nas nossas tarefas quotidianas. Um dos meus amigos nunca termina a meditação sem o que ele apelida de “meditação sobre a agenda”. Abre-a, pensa no seu dia e apresenta-o ao Senhor; enumera aqueles que deve encontrar e a sua enumeração torna-se intercessão.

Ser persistente

Ficareis a pensar no fim desta carta que a meditação é um exercício muito pouco simples, o que é desencorajador para aqueles cuja existência já é tão complicada? Não se alonguem nesta impressão. Os actos mais vitais parecem complicados, quando os analisamos: descer uma escada, respirar, amar; mas como os fazemos a todo o momento, tornam-se de uma grande simplicidade. É justamente esta última palavra que designa uma forma de meditação à qual chega aquele que persevera na oração: “meditação de simplicidade”.

Acrescentarei uma última nota antes de vos deixar. Tal como não nos tornamos marceneiros, músicos, escritores de um dia para o outro, também não nos tornamos homens de oração sem uma conscienciosa aprendizagem.»

(Carta das Equipas de Nossa Senhora, Set.-Out. 1970)

Para debater em casal

◆ Cada um faz o seu apanhado dos 96 quartos de hora: em que é que eu utilizo o meu tempo? Discutir sobre isso em casal: poderemos fazer evoluir o emprego do tempo – nomeadamente para dar lugar à oração – e ajudar-nos mutuamente nesta evolução?

◆ A meditação é um face a face com Deus; o nosso desejo é diferente: podemos abordá-lo e ver como nos entreeajudamos a concretizar este ponto de esforço?

◆ Reflectir no modo como a meditação alimenta e ilumina a nossa vida.

Para debater em equipa

◆ Fazer uma ronda onde cada um explique:

- Porque e como faz meditação (local, duração, frequência, forma...).
- A forma de alimentar o seu desejo de oração (leituras, retiros, recurso a um conselheiro espiritual ...).
- A evolução da sua meditação no tempo e em que é que ela apoia a sua vida e a sua acção no mundo.

Oração para a reunião (1Ts 5,16-24)

Quem não respira não pode viver

“Andai sempre alegres, orai sem cessar e, em todas as circunstâncias, dai graças, pois é a vontade de Deus em Jesus Cristo, a vosso respeito.

Não extingais o Espírito, não desprezeis as profecias. Examinai tudo e retende o que for bom. Conservai-vos longe de toda a espécie de mal.

Que o Deus da paz vos santifique inteiramente, e que todo o vosso ser – espírito, alma e corpo – se conserve irrepreensível para a vinda do nosso Senhor Jesus Cristo. Aquele que vos chama é fiel: Ele o realizará.”

Para viver a entreaajuda

Encontrar os meios concretos para se estimular a fazer meditação (mesma hora de acordar, hora fixa no dia, etc.).

4ª Reunião

LUTAR

No fim da sua vida , o P. Caffarel confessava ter sido ingénuo no início do seu ministério ao subestimar a força do egoísmo e não louvando suficientemente a ascese: *“Insisti com razão na oração, dizia ele, mas fiz seres “mancos”, não lhes fornecendo o complemento indispensável à caminhada para a santidade: a ascese”*. Deu-se imediatamente conta que o grande obstáculo ao amor, que é o egoísmo, deve ser vigorosamente combatido por todas as formas (é um dos papéis da “regra de vida”).

Cruz ou alegria?

Parece-lhe antes de mais necessário apresentar um cristianismo autêntico no qual a tónica seja colocada na Ressurreição, com justeza, como reacção contra um período jansenista – estamos em 1948 – e que não se faça esquecer a Cruz.

«A vossa geração encontrou certos valores essenciais. Palavras que reaparecem sem cessar em conversa e que os escritos testemunham: humanismo, alegria, amor, equilíbrio, encarnação, desabrochar, etc. .

E vós reclamais esses valores. Para vós próprios, em primeiro lugar. E também para os não-crentes que estão à vossa volta: esperais que eles sejam seduzidos por eles também e obtereis, se não a sua conversão, pelo menos a estima pelo cristianismo.

Estes valores de que falamos são autenticamente cristãos, não o contexto; mas a ligação ciumenta, susceptível, exclusiva, que lhe têm alguns contemporâneos, parece-me suspeita. Não dissimulará a

recusa de outros valores cristãos não menos autênticos: a renúncia, a mortificação, a penitência, a cruz?

Lia-se, num relatório de um inquérito sobre as aspirações dos cristãos de hoje, esta resposta: “Os santos modernos verão menos a pobreza, o rebaixamento deste Deus feito homem que a riqueza humana deste homem encarnando Deus e rico de uma mãe admirável, de amigos muito amáveis, de dons de inteligência, de poder, de beleza física, de ascendente moral colocado ao serviço de Deus. Os santos de amanhã serão não tanto penitentes, mas antes reis da criação”. Confessai que esta frase parece indicar um certo desconhecimento da cruz. Far-me-eis notar que ela se limita a implicar o seu autor e que faço mal em generalizar? Será talvez verdade? Muitos não a subscreveriam?

Apesar de tudo é preciso não esquecer as palavras de Cristo: “Se alguém quer vir após Mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz, dia após dia, e siga-Me” (Lc.9,23). Nem aquela de S. Paulo: “Enquanto os judeus pedem sinais, e os gregos buscam a sabedoria, nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os gentios” (1Co.1,22-23).

O equilíbrio cristão é expresso pelo binómio paulino: Morte-Ressurreição. Assim que se elimine ou subestime um dos termos, a espiritualidade cristã fica “coxa”.

Têm razão em querer apresentar aos não-crentes o rosto alegre e forte do amor e da fé. Mas então não esqueçam que a Paixão precede a Ressurreição, que a alegria é o fruto da Cruz. “Aquele que não toma a sua cruz cada dia”, percebei, aquele que não mortifica sem cessar um egoísmo sempre a renascer, aquele que não acolhe os sofrimentos pequenos ou grandes, como operários de purificação, não oferecerá, nunca o espectáculo do amor radioso, de uma religião sedutora.»

(Carta mensal, Março de 1948)

Desconfiai de Afonso

A ascese é indispensável. Mas atenção à sua subtil deturpação pelo farisaísmo. É preciso perceber esta severa chamada de atenção.

«Ficai a saber que uma grande ameaça pesa sobre vós pelo facto de pertencerdes às Equipas de Nossa Senhora. Pesa sobre todos os que se juntam para viver uma vida melhor. Foi desde sempre o terror daqueles que tiveram iniciativas deste género de grupos. Esta terrível ameaça é o farisaísmo. Não o que se designa correntemente por este termo: uma “boa consciência” mais ou menos hipócrita. Mas este farisaísmo que Cristo amaldiçoou de forma impiedosa, (o que não se consegue ler sem nos impressionarmos).

Quem são os Fariseus de quem Cristo nos diz que o pecado das prostitutas é pequeno ao lado do deles? Homens agrupados para salvaguardar a sua vida religiosa de toda a contaminação pagã, zelosos pela meditação e prática da Lei. Muitos, parece, são muito exactos no cumprimento dos seus deveres religiosos e exercícios minuciosos que a sua própria regra lhes impõe. Então, direis vós, por que merecem a fúria de Cristo? É que eles esperam a salvação da Lei, da prática da Lei e, por isso, em definitivo, deles próprios. Segundo eles, é santo aquele que pratica perfeitamente a Lei. Tanto assim que, quando um salvador se apresenta, não têm a necessidade de lhe estender a mão. É esse o seu pecado imperdoável: julgar-se justo porque se pratica a lei, não ter necessidade de ser salvo, o que leva a pensar que a vinda e a morte de Cristo são inúteis. A prostituta, pelo menos, não se julga justa; ela precisa absolutamente de ser salva.

Vedes o perigo: julgar-se justo, pelo simples facto de praticar a lei. Não, mil vezes, não!

*Aquele mesmo que dê todos os seus bens aos pobres pode ser apenas um tambor, vazio e barulhento, diz-nos S. Paulo. Para ser justo aos olhos do Deus, não basta conformar-se com os mandamentos, é necessário ter em si o **Espírito Santo** e a caridade que Ele difunde nos nossos corações. Infeliz o homem virtuoso, zeloso, austero, heróico, se ele se contenta consigo próprio, se não se reconhece pecador, se não espera, se não chama o Salvador. MATEIRO O DEMÓNIO: aqueles que ele não pode perder fazendo-os cair, conseguiu-lo-á, se eles não se precaverem, ainda mais seguramente, encorajando-os a salvarem-se a eles próprios, pelas suas forças: o importante é que considerem não ter necessidade de serem salvos por um outro, por Deus, e não recorrerem a Ele.*

“Senhor, dou-vos graças por não ser como os outros, ladrões, adúlteros...” Assim rezava o fariseu da parábola. Cristo não nos diz que ele mente. Nem que o publicano mentia ao acusar-se de ser pecador. E, no entanto, é o virtuoso que é condenado e o pecador salvo, precisamente porque este último confessava a sua necessidade de um Salvador.

Convite a pecar, nestas asserções que faço? Claro que não, mas convite, por mais virtuosos que sejam, a reconhecer que a vossa virtude é ridícula se ela não for irradiação de Cristo em vós, que a vossa segurança é ilusória se não tiver Deus como fundamento. Convite para abandonar as Equipas? Claro que não, mas convite a recorrer a um meio que pode salvar do farisaísmo: a oração. A oração autêntica é o único contrapeso conhecido. E eis a razão por que um grupo religioso, que não é uma escola de oração, é terrivelmente perigoso: é apenas um fábrica de fariseus.(...)

Em verdade, se depois de dois anos de vida de equipa não aprenderam a rezar e se não fazem da oração um ponto central das vossas vidas, não escapareis ao farisaísmo. Vereis aparecer pouco a pouco os sintomas do mal e por etapas aí aceder: a auto-

-satisfação, em primeiro lugar favorecida pela comparação com aqueles que estão à vossa volta e que são, sem dúvida, menos virtuosos que vós; a boa consciência que é uma esclerose espiritual; a convicção de ser um justo, quando não se passa de um bem-pensante, este termo moderno para designar o fariseu, com dissimulada satisfação ao constatar e estigmatizar os pecados dos outros. E se, ao lerdes este texto, constatais que não tendes estes sintomas, não fiquéis totalmente seguros.

A oração, digo, a verdadeira oração, prolongada, tem uma maravilhosa virtude para nos levar à descoberta de Deus e de nós mesmos, da santidade de Deus e da nossa necessidade quotidiana de sermos salvos.

Se chegardes a orar como S. Afonso de Ligório, então vós estareis em paz, não havendo para vós um perigo imediato de farisaísmo: “Senhor, desconfiai de Afonso, dizia ele; ele é bem capaz de vos trair hoje”».

(Carta mensal, Janeiro 1958)

Ainda a ascese

O que é então a ascese? Um esforço sistemático e perseverante para afastar os obstáculos ao amor e cultivar o que o favorece.

«Demasiadas conferências, demasiados artigos sobre a ascese e afinal os casais das Equipas perdem-se, ao que parece. Acabo de o constatar falando com três dentre eles que me chamaram à parte para falar sobre o assunto. A conversa acabou por esta exclamação: “Se nos tivesse dito isso mais cedo”. Ora, “isso” é algo de muito simples.

Vou, por isso, ser simples, muito simples convosco como fui com os meus três interlocutores, naquele dia. Não argumentando, mas chamando a atenção para a vossa experiência quotidiana.

Se vós sabeis amar, vós sabeis o que é a ascese. Os praticantes do amor são praticantes da ascese, necessariamente. Pois a ascese não é uma exigência arbitrária do pregador entediante, mas antes a exigência fundamental do amor. Não há medalha sem verso e reverso, moeda sem cara ou coroa: amor e ascese são duas faces da mesma realidade.

Não progredirei nunca no amor pelo outro, se não mortificar o amor de mim mesmo, enquanto ele for egoísta e reivindicativo. Com efeito não posso em simultâneo dar e tomar, estar em atitude de dom de mim mesmo e obedecer ao meu desejo ardente de possuir o outro, ser oblativo e possessivo, empenhar-me e reservar-me, ter o meu pólo em mim e no outro.

Em boa verdade, amor e egoísmo coabitam no meu coração. Mas a coexistência não é pacífica. Fazem um mau casal, opõem-se. São, abertamente ou não, perpétuo conflito. A menos que assinem, com a minha cumplicidade, um protocolo de acordo para partilharem o meu coração, a minha vida. Mercado de enganadores, aliás: cada um, insidiosamente, vai esforçar-se por exterminar o outro. Amor e egoísmo tendem cada um à hegemonia.

Atenção: ao lerem-me, não partam, em flecha, em especulações. Entrai, antes, em vós mesmos, como o fiz eu próprio ao escrever-vos. Olhai, espiai os movimentos do vosso coração. Entregai-vos, nem que seja por um dia, a um impiedoso exame, não direi, “de consciência” já que a palavra irrita, mas “de coração”. E, à noite, estudareis o traçado do vosso “electrocardiograma”.

Amais a vossa mulher, o vosso marido. E desejais amá-la(lo) sempre mais (pois não há amor no coração que diga “já chega” e não deseje amar sempre mais e melhor). Ora vós constatais que

muitas coisas vos travam, entram, demoram o vosso ímpeto de amar. É, na discussão, a necessidade de não ceder, de ter razão; é, quando o telefone toca, a esperança secreta de que o outro se levante antes de nós, é o demónio do silêncio que vos impede de entregar o melhor de vós – no momento da oração conjugal, por exemplo; ou esse demónio falador que vos faz falar de vós mesmos, enquanto aumenta no outro a angústia secreta de nunca ser escutado. E todas essas impaciências, será o amor que as gera? Ao longo do dia, para que pólo se volta a agulha da vossa bússola: a felicidade, o bem do outro ou vós? E nas vossas relações sexuais?

Não seria desinteressante que se interrogassem sobre as vossas relações com os vossos filhos. Quantas críticas ditadas por um amor próprio ferido, em vez de uma verdadeira ternura! Mas paro aqui, o domínio é demasiado vasto...

Terei conseguido mostrar-vos que todo o amor implica uma exigente ascese, entendida como um cuidado, um esforço corajoso, leal, inteligente, metódico, perseverante, para mortificar o egoísmo que, sem cessar, aberta ou insidiosamente, obsta ao amor, para cultivar em nós tudo o que fará aceder a um maior amor? E se o amor humano exige a ascese, por maioria de razão o amor a Deus!»

(Carta das Equipas de Nossa Senhora, Maio-Junho 1972)

Para debater em casal

◆ Uma vida espiritual não se mantém sem combate. Combate contra os inimigos interiores e exteriores. Essencialmente contra o egoísmo que em nós barra o caminho do amor. Ajuda-nos em casal a olhar de frente para a nossa vida, para aí detectar aquilo que favorece o amor e aquilo que vai contra ele. E a modificá-la na sequência dessa análise. Em concreto o que quer dizer ascese para o nosso casal?

Para debater em equipa

◆ Fala-se muito de desenvolvimento, nos nossos dias. Qual é o verdadeiro desenvolvimento para um cristão?

◆ A nossa pertença às Equipas de Nossa Senhora inclina-nos para o farisaísmo, como temia o P. Caffarel. Que sinais nos evidenciam isso?

◆ Como lutar contra o farisaísmo?

◆ Como viver a ascese fora do casal, da família, da equipa?

Oração para a reunião (1Cor 9,24-27)

Aqueles que vivem, são os que lutam ...

“Não sabeis vós que os que correm no estádio correm todos, mas só um ganha o prémio? Correi, pois, desse modo, para que o consigais alcançar. Aquele que se prepara para a luta abstém-se de tudo, a fim de alcançar uma coroa corruptível; nós, porém, para alcançar uma coroa incorruptível. Eu não corro sem rumo e não luto como quem açoita o ar. Ao contrário, castigo o meu próprio corpo e mantenho-o em servidão, não aconteça que, tendo pregado aos outros, venha eu próprio a ser desqualificado.”

Para viver a entreaajuda

A regra de vida, nas Equipas de Nossa Senhora, é uma tradução concreta do esforço geral de ascese. A equipa pode procurar meios concretos, para ajudar cada um na elaboração da sua regra de vida.

5ª Reunião

CONSTRUIR O CASAL

As Equipas de Nossa Senhora foram fundadas para ajudar os casais a construírem-se humanamente e cristãmente, apoiando-se nos recursos incomparáveis do sacramento do matrimónio. Obra de grande fôlego, a retomar sem cessar. Daí, as exortações repetidas do P. Caffarel.

São apenas os pais

É o casal que é o fundamento sólido da família. Importa, pois, assegurar, em primeiro lugar, a solidez do casal e levar até ao fim o fortalecimento do amor conjugal.

«Um casal, recentemente, invectivava-me: “Já não acreditámos no amor, nas equipas de Nossa Senhora. Já não encontramos lá esposos, são apenas pais.”

Claro que não dramatizei esta tirada demasiado absolutista. No entanto, perguntei-me se ela não conteria uma parte de verdade e abri-me a um responsável. Respondeu-me, gentilmente, mas um pouco protector: “Não estava à espera, apesar de tudo, que, casados há 15 anos, com 7 filhos, ainda brincássemos aos pombinhos? Isso não nos impede de nos darmos bem”. Isso não me sossegou muito: justamente ele empregava a expressão “dar-se bem” onde eu esperava “amar”.

As Equipas de Nossa Senhora assentam numa certa ideia de amor. Mais exactamente, na convicção profunda de que o amor conjugal é uma realidade magnífica: a obra do sexto dia veio coroar a pirâmide dos seres, o símbolo mais deslumbrante e o mais essencial, aquele que revela a união de amor que Deus veio estabelecer com cada um dos

homens - que revela, e também que realiza esta união. Poderia citar-me no meu artigo do Mistério do Amor: “Vocação do Amor”. Peço-vos, relede-o, se chegastes ao estádio onde “damo-nos bem”. Relede, pelo menos, estas linhas da primeira página da Carta: “Os casais das Equipas de Nossa Senhora querem que o seu amor, santificado pelo sacramento do matrimónio, seja um louvor a Deus, um testemunho aos homens, provando-lhes com evidência que Cristo salvou o amor”.

Sobretudo não vos mintais a vós próprios. Se já não tendes a fé no amor, não chameis a isso sabedoria ou maturidade. Se a chama do vosso amor está a apagar-se, não vos desculpeis, dizendo que há tantas coisas mais urgentes ou mais importantes: a educação das crianças que crescem, as responsabilidades sociais que se tornam mais pesadas... os filhos... eles têm uma necessidade imperiosa do vosso amor: foi ele que lhes deu origem, só ele pode dar-lhes o crescimento. O vosso valor de homens, quaisquer que sejam os vossos sucessos e os vossos galões, ele mesmo está em perigo se o vosso amor decrescer. Não vos sossegueis demasiado depressa, pensando que, pelo menos, a vossa vida espiritual ganha aquilo que perde o vosso amor. Não se constrói uma vida com as ruínas da outra.

O mundo que vos rodeia também se frustra, se o vosso amor arrefece. Este mundo que não está longe de desesperar do amor, de uma certa qualidade de amor, e de se entregar vorazmente à matéria, tem direito ao vosso testemunho. Tem necessidade de vislumbrar o amor divino radioso de uma ternura humana, de apreender por vós que Cristo veio salvar o amor. Ides recusar este testemunho?

P.S.: Não ignoro que o amor, evoluindo, muda de rosto. Por isso não vos peço que se amem como aos vinte anos, mas com um amor cada dia mais profundo. Peço-vos para nunca optarem pelo declínio do vosso amor, de não apelidarem maturidade do amor àquilo que não passa do esgotamento do amor.»

(Carta mensal, Março de 1952)

“Feita à medida da vossa fé”

A peregrinação de mil casais a Roma, em 1959, constituiu a ocasião para o P. Caffarel recordar a grandeza do casamento cristão e a imperiosa missão de espalhar essa boa nova.

«Volto de Roma onde fui preparar os caminhos para a nossa peregrinação.

Constatando o interesse e a simpatia suscitados pela novidade de mil casais das nossas Equipas que chegarão em breve à Cidade eterna, eu procurava uma explicação para essa impressão profunda que provocam sempre os encontros de casais cristãos. Uma lembrança surgiu-me então: no último dia da nossa peregrinação a Lourdes, em 1954, os casais tinham-se dirigido à Gruta para saudar Nossa Senhora antes de partir. Um pouco afastada, uma religiosa idosa observava estes casais que chegavam qual multidão apressada – a alegria lia-se nos seus rostos. Ela estava comovida, tinha as lágrimas nos olhos. Não sei o que ela pensava: era como um milagre. Quinhentos casais, o marido e a mulher ajoelhavam-se juntos, rezavam juntos, confiavam-se juntos à Imaculada, sim, verdadeiramente isto devia parecer-lhe um grande milagre. As suas lágrimas eram uma homenagem à graça toda poderosa do Senhor que faz destes milagres.

Com efeito, é uma bela coisa um verdadeiro casal cristão, é uma grande obra de Deus, a resplandecência do Sacramento do Matrimónio, um reflexo da imensa ternura que une Cristo à Igreja.

Arriscais a estar habituados a isso, a já não vos admirardes disso, a deixar de louvar Deus por isso. E, sobretudo, talvez porque estais acompanhados de alguns desses casais, arriscais a não ver a multidão de casais decepcionados, sofredores, quebrados.

E mesmo, se vos apercebeis deles, não correis o risco de esquecer que a sua grande dor é a de não terem tido a graça que é a vossa, a de conhecer o Sacramento do Matrimónio e as suas riquezas? Junto deles podeis sentir o profundo mal-estar que se experimenta ao ser rico no meio de uma multidão de miseráveis. Assalta-vos a pergunta: porquê nós e não eles? Para os milhões de casais que, pelo mundo fora, se formam cada ano, cujo amor, à partida, é radioso e trasbordante de promessas, bastam alguns anos para que neles surjam a decepção, a angústia e, muitas vezes, o fracasso. Sim, porquê vós e não eles? Porque não convidaram Cristo para o seu casal, porque, por mais desconcertante que seja, após vinte séculos de cristianismo, a maioria dos casais ignora ainda que Cristo veio salvar o amor humano ferido de morte pelo pecado, que derramou por ele o Seu sangue – e este sangue derramado é o Sacramento do Matrimónio que comunica aos esposos a virtude. É preciso que esta ignorância da grande multidão de homens vos pareça intolerável! É preciso que esta “boa nova” da salvação do amor vos incendeie, que vos impaciente para a transmitir, e que façais tudo para isso. E em primeiro lugar que rezeis.

*(...)Três condições, disse-nos Cristo, garantem a eficácia da oração: **acreditar nesta eficácia, ligar-se em oração e dirigir-se ao Pai em nome de Jesus Cristo Nosso Senhor.** Estas condições?... mas nós preenchemo-las! – dirão. Então, o que poderão esperar destes oito dias de intensa oração? Esta grande novidade: **Cristo veio para salvar o amor.** É preciso que esta novidade chegue até ao fim do mundo, é preciso que ela devolva a esperança àqueles que desesperam, que alegre os casais que se formam, que multiplique os casais onde marido e mulher se ajoelham juntos, adoram juntos, dão graças juntos, se oferecem a Deus juntos, e juntos se põem ao Seu serviço.»*

(Carta mensal, Abril de 1959)

Uma “Igreja reduzida”

Partindo mais uma vez do sacramento do matrimónio, o P. Caffarel põe em relevo o que é um casal cristão (e a família): “uma pequena Igreja”, o que dá o verdadeiro sentido à oração conjugal (e familiar).

«Cada vez que se quer aprofundar um aspecto da vida do casal ou da família, é preciso voltar ao ensinamento da Igreja sobre o Sacramento do Matrimónio. Este sacramento tem isto de característico: o seu sujeito não é o indivíduo, como nos outros sacramentos, mas o casal como casal. Com efeito, ele funda, consagra, santifica esta pequena sociedade, única no seu género, que formam o homem e a mulher casados. E é a única instituição natural que goza do privilégio de entrar na ordem da graça, de estar ligada, como tal, ao Corpo místico. Isso, efectivamente, não pode ser dito nem de uma nação, nem de um mosteiro: os seus membros podem estar ligados ao Corpo místico, mas não o grupo como grupo, ao passo que o casal, preso ao Corpo místico, se torna uma ramificação, um órgão deste Corpo, cuja vida o penetra e o transporta. Ora esta vida, sabei-lo bem, tem uma dupla e simultânea orientação: de culto e apostólica.

*Ao longo das próximas páginas, é o primeiro aspecto que vai prender a nossa atenção. Partamos da noção do casamento cristão. Não é unicamente o dom recíproco do homem e da mulher; é também o dom, a consagração do casal a Cristo. Dali em diante, nesse casal, que, dando-se, se abriu a Ele, Cristo está presente; e eis a razão pela qual S. João Crisóstomo lhe chama “Igreja reduzida”. Esta presença, é verdade, verifica-se já quando dois ou três estão reunidos em nome de Cristo (Mt. 18,20), mas, no caso do casal, há mais e há melhor: um pacto, uma aliança, no sentido bíblico do termo, entre Cristo e o casal. O que Javé dizia outrora “**Eu serei o vosso Deus e vós sereis o meu povo**”, Cristo, por sua vez, di-lo ao casal. Assim, ligado ao casal, presente no casal, Cristo aspira a dar graças a seu Pai, a interceder com e pelos esposos do mundo inteiro...*

O tempo forte deste culto do casal é precisamente a oração conjugal. À noite, quando este homem e esta mulher oram, é a oração de Seu Filho bem-amado, que o Pai dos Céus ouve porque, no seu coração, o Espírito de Cristo inspira os seus sentimentos.

Enquanto não nos elevarmos a essa altura, não podemos dominar nem promover a oração conjugal. A sua necessidade e a sua grandeza não se explicam senão na perspectiva do Sacramento do Matrimónio. Numa palavra, quando Cristo une pelo sacramento um homem e uma mulher, é para fundar um santuário, santuário que é um casal cristão, onde Ele, Cristo, poderá celebrar com o casal, pelo casal, o grande culto filial de louvor, de adoração e intercessão que Ele veio instaurar na terra...

E a oração familiar? Rapidamente, com efeito, o casal torna-se família. A oração conjugal, muito naturalmente, então alarga-se à oração familiar. Não digo: a oração familiar substitui a oração conjugal; mas antes: a oração conjugal alarga-se à oração familiar. A distinção é importante. Quer dizer, para perceber a significação profunda da oração familiar, é preciso partir da oração conjugal.

O casal é a célula da Igreja, dissemos nós, ele vive da vida da Igreja: para a pequena célula como para a Igreja inteira, a primeira função é o culto de Deus. Não esqueço, no entanto, que o casal tem uma outra função, característica, específica: a procriação. Mas esta procriação, ela própria, num casal cristão, só se compreende em relação à sua missão de culto. Expliquemo-nos.

O grande objectivo da fecundidade, num casal cristão, é, ou deveria ser, gerar ou formar “adoradores em espírito e em verdade”, para que sobre a terra se prossiga o culto do verdadeiro Deus. Mas, enquanto as crianças não rendem a guarda, fundando por sua vez famílias, eis que a oração conjugal as associa e, graças a elas, expande-se em oração familiar, como a seiva do tronco passa para os ramos a fim de que elas tenham folhas, flores e frutos. A oração conjugal toma as crianças para cantar a glória do Senhor, em nome do mundo inteiro. Assim

compreendida, a oração familiar é diferente de um bem tocante costume: é, verdadeiramente, a actividade primeira, capital, fundamental da família cristã. É ela que distingue a família cristã de uma família não cristã. Consequentemente, a oração familiar não será somente a oração do pai ou da mãe, nem a oração dos dois, nem somente a oração das crianças, mas a oração de todos, unânimes, na qual a pessoa não é simplesmente espectador, mas em que cada um participa activamente.»

(Carta mensal, Março de 1962- extracto de uma conferência)

Para debater em casal

◆ Em que se transformou o nosso amor de noivos? Como ultrapassou as diferentes etapas da nossa vida? Como nos ajudou o nosso sacramento do matrimónio?

◆ O nosso casal está acima de todas as nossas outras missões: pais, educadores, diaconado, compromissos na cidade, etc.?

◆ Sabemos reservarmo-nos momentos de intimidade a dois: refeições, fins-de-semana...? Experimentamos a necessidade disso para o crescimento do nosso amor conjugal?

◆ Praticamos a oração conjugal? De que forma? Convém a cada um de nós? E a oração familiar?

Para debater em equipa

Este capítulo situa-nos no centro da “espiritualidade conjugal”: o caminho de santidade de pessoas casadas é o seu casamento consagrado por um sacramento, é o seu amor transformado pela graça de Cristo.

◆ Estamos convictos que Cristo nos uniu, que Ele se empenhou connosco, quando nós nos comprometemos um com o outro, que Ele

faz connosco o caminho conjugal? Que consequências práticas isso implica para nós? Que sentido dá isso ao nosso dever de se sentar e à nossa oração conjugal?

◆Será que tentamos, e como, comunicar a outros casais esta «boa nova»?

Oração para a reunião (Ef 5, 25-33)

Este mistério é grande.

“Maridos, amai as vossa mulheres como também Cristo amou a Igreja, e por ela Se entregou, para a santificar, purificando-a no baptismo da água pela palavra da vida, para a apresentar a si mesmo como Igreja gloriosa sem mancha nem ruga, nem qualquer coisa semelhante, mas santa e imaculada.

Assim os maridos devem amar as suas mulheres, como aos seus próprios corpos. Aquele que ama a sua mulher, ama-se a si mesmo. Porque ninguém jamais aborreceu a sua própria carne; pelo contrário, nutre-a e cuida dela como também Cristo o faz à Sua Igreja, pois somos membros do Seu corpo.

«Por isso, o homem deixará pai e mãe, ligar-se-á à mulher e passarão os dois a ser uma só carne». É grande este mistério; digo-o, porém, em relação a Cristo e à Igreja. Pelo que vos diz respeito, ame também cada um de vós sua mulher como a si mesmo; e a mulher respeite o seu marido.”

Para viver a entreajudá

Organizar-se em equipa para que cada casal possa viver um momento a dois.

6ª Reunião

CONSTRUIR A EQUIPA

A equipa está ao serviço dos casais. No nosso mundo pagанизado, um casal cristão isolado é um casal em perigo. “Porque eles conhecem as suas fraquezas e os limites das suas forças, e até da sua boa vontade, porque eles experimentam cada dia quanto é difícil viver como cristãos num mundo pagão e porque eles têm uma fé indefectível no poder da entreaajuda fraterna, decidiram fazer equipa” (Carta das ENS). Mas a equipa não trará a sua ajuda a não ser que seja uma verdadeira comunidade cristã cujo cimento é a caridade.

Êxito da caridade

A caridade, que o Novo Testamento designa pelo termo grego de «ágape», é esse amor que é a própria vida de Deus e que Deus comunica aos seus filhos pelo baptismo. É a marca distintiva dos filhos de Deus.

«Quero-vos dizer hoje porque é de grande importância que a caridade cresça sem cessar nas vossas equipas.

1º- Uma equipa de casais deve ser, antes de mais, uma escola de caridade. Quando os casais exercem a entreaajuda e o amor fraterno, pouco a pouco o seu coração alarga-se. E de próximo em próximo, o seu amor ganha a casa, o bairro, o país... até tocar as margens mais longínquas.

2º- É importante construir uma igreja onde vá, dia e noite, permanecer Cristo na Eucaristia. É não menos necessário à cristandade fundar equipas de caridade. É uma outra maneira de

tornar Cristo presente aos homens. Onde se encontra o amor fraternal, aí está Jesus. **“Onde dois ou três estão reunidos em Meu nome, Eu estou presente no meio deles.”**

3º- Presença de Cristo, mas também presença da Igreja. A Igreja está aí onde se amam os cristãos. Mas também é verdade que ela só está presente numa comunidade de cristãos, se esta comunidade quiser estar presente na Igreja, dedicando-se ao seu serviço.

4º- É extraordinário o poder dos cristãos quando eles estão unidos: **“Se dois de entre vós, na terra, se puserem de acordo para pedir o que quer que seja, em verdade, obtê-lo-ão de meu Pai que está nos céus.”**

5º- O amor fraterno é uma fonte espiritual excepcionalmente fecunda. Em redor, o deserto desata a florir. Um pároco dos arredores dizia-me: “Quando uma rua da minha paróquia é demasiado infectada, peço a dois casais cristãos para se instalarem aí (era antes da guerra!) e com toda a simplicidade dar o espectáculo do amor fraterno. Ao fim de seis meses, os habitantes respiram um ar novo.”

6º- Um êxito de caridade fraterna é uma mensagem de Deus aos homens. A sua mensagem mais importante. Aquele que revela a sua vida íntima, a sua vida trinitária. Não há discurso sobre Deus mais eloquente e persuasivo que o espectáculo de cristãos que “são um só” como o Pai e o Filho são Um.

7º- Nada há na terra que glorifique mais a Deus que um êxito fraterno, porque, já o dissemos, nada na terra se Lhe assemelha tanto.

Que seja a vossa obsessão: fazer da vossa equipa um êxito de caridade.»

(Carta mensal, Novembro de 1950)

“Reunidos em Meu nome”

«No passado dia 6 de Junho, dia de Pentecostes, depois da conferência do P. Féret, eu conversava com um de vós, nas ruas de Lourdes, regressando ao meu hotel. O meu interlocutor – um veterano das Equipas – exprimia-me o seu encantamento com a rara qualidade das relações que estabelecera no comboio, desde a primeira hora de conversa, entre os diferentes membros da sua equipa-peregrinação, na véspera ainda desconhecidos uns dos outros. Ele maravilhava-se, mas não explicava. A explicação que lhe dei então, dou-vo-la também: talvez vos ajude a melhor compreender um aspecto essencial da vida de equipa.

As relações humanas são de diversos tipos: relações de parentesco, de camaradagem, mundanas, de amizade, etc. Cada uma tem a sua característica, a sua qualidade própria. Existe um outro tipo de relações humanas, essas especificamente cristãs. O que lhes dá a qualidade excepcional é o valor do que é posto em comum: não só os pensamentos, os gostos, os sentimentos humanos, mas a vida espiritual. Cristãos que amam a Cristo e fazem a prodigiosa confiança de deixarem entrever, uns aos outros, a vida deste amor, as alegrias, as dores, as aspirações que ele gera. É isto que é tão impressionante, perceber nos outros as vibrações da graça, os debates e os consentimentos de uma alma lutando com a graça.

*Há mais. A promessa de Cristo realiza-se: **“Quando dois ou três se reunirem em Meu nome, Eu estarei no meio de vós.”***

Acontece, por vezes, que a misteriosa presença é traída: a paz, a alegria, a luz das partilhas não podem ter outra explicação.

*Não é uma tal qualidade que torna evidente a sedução exercida em volta delas, pelas primeiras comunidades cristãs? **“Vede como***

se amam!” – espantavam-se aqueles que se aproximavam. O seu esplendor atinge-nos ainda vinte séculos depois.

A ambição do movimento é de instaurar no seio de cada equipa e em cada casal esta qualidade de relações humanas.

*Oração em comum, partilha, pôr em comum, troca de pontos de vista: tantos meios postos à vossa disposição para vos permitir chegarem ao nível da alma, “**em nome de Cristo**”. Frequentemente, a tentação de ficarmos ao nível da amizade humana é grande. É preciso, por isso, reagir sem cessar: a amizade cristã é uma conquista.*

O dever de se sentar e a preparação do tema de estudo são também outros meios oferecidos aos esposos para ajudá-los a juntarem-se a Cristo. Recursos bem úteis. O respeito humano, a timidez, a avareza do coração, o quotidiano da vida, as reivindicações da carne são outros tantos obstáculos a esta união espiritual dos esposos. Quantos, de entre os melhores, passam a vida inteira sem fazer a experiência desta intimidade em Cristo: põem em comum tudo, excepto o mais precioso, a sua vida em Cristo.»

(Carta mensal, Dezembro 1954)

Retomar o fôlego

O P. Caffarel exprime todo o seu pensamento sobre o que deve ser uma equipa e uma reunião de equipa no seu penúltimo editorial, um texto quase testamentário.

- “*Viria falar a todas as equipas reunidas?*”
- *Sobre que assunto?*”

O meu interlocutor reflecte um instante, olha-me com um sorriso um pouco malicioso e responde-me: “Supondo, Padre, que morria no dia seguinte à vossa vinda junto de nós, que assunto gostaria de ter tratado pela última vez, antes de deixar os casais das equipas?”.

Fico reconhecido a este equipista por uma tal resposta. Ela obrigou-me, não só a meditar sobre a morte, mas também a fazer desfilar no meu pensamento os temas que eu considero mais importantes para abordar diante um auditório de equipistas:

- *a espiritualidade conjugal: este caminho em direcção a Deus, próprio dos casais casados;*
- *a Carta: documento que dava ao Movimento, há 25 anos, a sua direcção espiritual, as suas estruturas e os seus métodos;*
- *a equipa, sucesso de caridade: o objectivo de tantas equipas;*
- *a psicologia dos pequenos grupos: sob cujas condições um grupo encontra a sua coesão e mantém o seu ímpeto para o objectivo a atingir;*
- *o aprofundamento da fé – neste tempo em que ela está ameaçada;*
- *a missão das Equipas de Nossa Senhora, hoje.*

Cada um destes assuntos pareceu-me impor-se como essencial. Por fim, acabei por optar por um outro. Na véspera da minha morte, dispondo de pouco tempo, não podendo dizer tudo. É preciso deixar um testamento espiritual, asserções que toquem no mais essencial. Decidi falar da significação cristã de uma reunião de equipa. Passo a explicar.

*A reunião mensal de uma equipa não deve ser definida somente pela sua estrutura, o seu espírito, a amizade dos seus membros, o seu desejo de ser uma etapa na busca de Deus. É preciso reconhecer, em primeiro lugar, a sua substância sobrenatural e o seu mistério. Efectivamente, é, deveria ser, uma realidade bem diferente de uma reunião simplesmente humana. Compreende-se a partir dos versículos de S. Mateus: “**Pois onde estiverem reunidos, em Meu nome, dois ou três, Eu estou no meio deles**”(Mt.18,20). “**Digo-vos ainda: Se dois de entre vós se unirem, na terra, para pedirem qualquer coisa, obtê-la-ão de Meu Pai que está nos céus**” (Mt.18,19).*

*Existe, no seio dos casais reunidos numa divisão de um apartamento, a intensa presença do Ressuscitado, vivo, atento a todos, amando cada um tal qual ele é, com o seu mal e o seu bem. E com pressa de o ajudar a tornar-se tal qual ele quer. Ele está lá, como na noite de Páscoa naquele quarto alto de Jerusalém, quando apareceu, de súbito, aos olhos de outros equipistas: os apóstolos. Ele soprou sobre eles dizendo: “**Recebei o Espírito Santo**”. E eles tornaram-se homens novos. Jesus Cristo, no meio dos casais, não deixa de soprar o seu Espírito. E aqueles que se abrem a este Sopro – aprendemos pouco a pouco a abrimo-nos – tornam-se homens deste Sopro. E a reunião desenrola-se, animada pelo Espírito. A estes homens e a estas mulheres, que na noite de um dia duro, chegam frequentemente esgotados, carregados de preocupações, este espírito comunica a dupla paixão de Cristo: a sua impaciência pela glória do Pai, a sua entusiasmante e doce piedade pelas multidões “**que são como as ovelhas sem pastor**”.*

Acabo de dizer não o que acontece sempre, mas o que deveria ser. Pois uma reunião de equipa que não é, antes de mais, esforço comum de encontrar Jesus Cristo, é outra coisa que não uma reunião de Equipa de Nossa Senhora.

*Reencontrar Jesus Cristo, quer dizer, antes de mais, pôr-se à escuta d'Aquele que sabemos estar lá. Ora, Ele fala-nos nas Escrituras, assim amemos a Palavra de Deus. Fala-nos pelos ensinamentos elaborados pouco a pouco pela Igreja na sua meditação da Bíblia. Fala do fundo do coração deste irmão ou desta irmã, mas é preciso muitas vezes compreender para lá dessas palavras. Fala de diferentes formas ao longo da reunião, ainda que seja preciso ter **“um coração que escute”**, segundo a expressão bíblica. Fala para fazer confidências, para revelar seu Pai e o grande anseio de Seu Pai, para convidar à conversão, (nunca acabaremos a nossa conversão), fala-nos para nos lançarmos em socorro dos outros... fala e temos a impressão que tudo isto é bem difícil de pôr em prática. Não se contenta Ele em falar apenas, Ele transforma aqueles que confessam a sua incapacidade dando-lhes este Espírito de Força que fez, de pequenos camponeses da Galileia, as infatigáveis testemunhas do Salvador.*

*Mas toda a questão está aí: tomareis tudo o que vos digo por elevações piedosas e edificantes ou pela realidade da reunião de equipa? **“Será feita à medida da vossa fé”**: o que diziam as pessoas da Palestina, Cristo redi-lo no início de cada reunião.*

*Houve uma época, nas Equipas de Nossa Senhora, e foi um tempo de grande vitalidade, onde se falou muito da pequena **ecclesia**. Esta palavra era muito apreciada, porque tinha o mérito de sublinhar o carácter original de uma reunião de cristãos em nome de Cristo Jesus. S. Paulo não falava também de **ecclesia** que se reunia em casa de Aquila e Priscila, esse casal a quem estava afectuosamente ligado?!*

*E se me perguntarem o que permite designar pelo mesmo termo **ecclesia**, quer a grande Igreja, quer uma pequena reunião de fiéis, eu responderei, por não poder desenvolver mais longamente: o pequeno grupo cristão é verdadeiramente uma célula da igreja. Ora,*

*a célula vive da vida do corpo: em cada célula do meu corpo, a minha alma está completamente inteira, presente e viva. Da mesma forma, em cada célula da Igreja, em cada **ecclesia**, a alma da grande igreja está presente, viva, impaciente por dispensar e desenvolver todas as virtualidades de santificação.*

Que grande passo em frente dariam as nossas equipas, se todos apreendessem plenamente esta perspectiva sobre a reunião mensal. E a vivessem.»

(Carta das Equipas de Nossa Senhora, Março-Abril 1973)

Para debater em casal

◆ Já experimentámos, aquando dos encontros das Equipas de Nossa Senhora, esta qualidade de relações das quais fala aqui o P. Caffarel? Que explicação lhe damos? Vemos nisso uma dimensão suplementar para a nossa vida de equipa?

◆ A participação na nossa equipa é um elemento fundamental de espiritualidade da nossa vida de casal? Reflectir sobre o nosso desejo de vir a uma reunião de equipa, sobre a nossa motivação, a nossa preparação, a nossa escuta e o nosso acolhimento aos outros, a seriedade da nossa presença, os frutos recebidos, os dons oferecidos.

◆ Temos alguma coisa a modificar na reunião de equipa. Somos já mais do que simples amigos, isto é, irmãos em Jesus Cristo?

Para debater em equipa

◆ A equipa, “êxito de caridade”; a equipa, “*pequena ecclesia*”... Será que a nossa equipa possui alguns traços desta comunidade cristã

ideal? Será que, pelo menos, ela se esforça em direcção a esse objectivo? Passemos em revista as diferentes partes da reunião para ver como as poderíamos viver à luz acima apresentada.

◆Podemos interrogarmo-nos também sobre a evolução da nossa equipa ao longo dos anos (sobretudo, se os anos já são numerosos). E talvez pôr a questão: no estádio em que estamos, que espera o Senhor da nossa equipa?

Oração para a reunião (Cl 3,12-17)

Acima de tudo a caridade

“Pois, como eleitos de Deus, santos e amados, revesti-vos das entranhas de misericórdia, de benignidade, humildade, mansidão e longanimidade, suportando-vos uns aos outros, perdando-vos mutuamente, se algum tiver razão de queixa contra o outro. Como o Senhor vos perdoou, assim deveis perdoar vós também. Mas acima de tudo, revesti-vos da caridade que é o vínculo da perfeição. Resida nos vossos corações a paz de Cristo, para a qual fostes chamados, a fim de formar um só corpo. Sede agradecidos.

A palavra de Cristo permaneça em vós abundantemente em toda a sabedoria, ensinando-vos e admoestando-vos uns aos outros, com salmos, hinos e cantos espirituais; cantando, sob a acção da graça, louvores a Deus em vossos corações. E tudo quanto fizerdes, por palavra ou por obra, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando por Ele graças a Deus Pai.”

Para viver a entreaajuda

Constatando a qualidade de relação e o benefício das Equipas de Nossa Senhora, temos nós a preocupação de propor esta riqueza a outros casais? Podemos todos ser “informadores”.

“Milagre em Caná” (pormenor), 1315-1321
Igreja do Mosteiro da Chora (Museu Kariye), Istanbul

7ª Reunião

VIVER A VIDA QUOTIDIANA

O Evangelho deve penetrar, pouco a pouco, toda a nossa vida e todas as nossas actividades. Será esse o nosso caso? Não podemos abarcar tudo o que nos incumbe fazer em casal e em equipa. Consideremos três domínios importantes: a educação dos filhos, o trabalho e os tempos livres.

Quem é o meu próximo?

Em primeiro lugar a educação. Os exemplos são datados, mas a lição fundamental permanece.

«Estou aterrorizado com os falhanços de educação em tantos lares cristãos, pelos dramas, pelos naufrágios dos quais sou testemunha e confidente. Longe de mim pretender que estes insucessos são todos imputáveis aos pais! Sinto uma compaixão profunda por aqueles que, sem terem falhado a sua tarefa educativa, são cruelmente postos à prova pelos seus filhos. Mas, em muitos casos, acho que é demasiado fácil e injusto atribuir todos os erros à “nova vaga”. E o tom de amargura agressiva com o qual tantos pais acusam os seus filhos parece-me revelar essa necessidade de calar neles essa voz interior que ameaça a segurança.

Peço-vos, jovens casais que me ledes, que não tireis conclusões apressadas: não corremos o risco do nosso filho nos anunciar um dia o seu noivado com uma jovem desconhecida por um telegrama enviado dos desportos de inverno, como aconteceu com o filho de X...; educado na verticalidade e na honestidade, não corremos o risco de ele embarcar no grupo de estudantes ladrões... de engravidar uma

rapariguinha de 15 anos e a acompanhar ao estrangeiro para eliminar as consequências... da nossa filha se deixar arrastar às nossas escondidas por um bando e escapar à justa das malhas dos proxenetas... do nosso filho ser pervertido por um tipo qualquer introduzido em nossa casa, sem discernimento suficiente... da nossa filha se inscrever num qualquer partido extremista, levada mais pela sua revolta contra a família que pelas suas convicções...

*Todos estes casos dos quais tive conhecimento, nestes últimos meses, dizem respeito a lares como os vossos, quero eu dizer crentes, praticantes, preocupados com o progresso espiritual e de apostolado. No entanto, não posso deixar de perguntar-me se estes pais tinham compreendido que eram casados, **em primeiro lugar**, para ter filhos e fazer deles filhos de Deus, que os seus filhos eram o seu **primeiro** próximo, que assumir a educação deles era a sua **primeira** responsabilidade, que a educação é, antes de tudo, questão de amor.*

E se eles tinham compreendido que era preciso amar os seus filhos, não cederam perante as exigências do amor? Procuraram descobrir e compreender a personalidade única de cada um dos seus filhos – e não uma vez por todas, mas diariamente, pois todo o ser vivo é novo cada dia? E para ajudar ao crescimento desta personalidade, souberam somar a coragem de mandar, de defender, de castigar, a esta arte difícil de favorecer a eclosão e o desenvolvimento de uma liberdade? Estiveram presentes junto dos seus filhos – refiro-me a esta presença espiritual que, preservando a solidão angustiante, oferece segurança? Estiveram vigilantes para alimentar o diálogo, não só o das vozes, mas também o das inteligências e dos corações? Estiveram disponíveis na hora em que um naufrago procurava um ramo ao qual se agarrar? Tudo isto exige tempo, imaginação, inteligência, carácter, coração, espírito de humildade, de abnegação. É preciso amor, um amor autêntico; ora o amor dos pais pelos filhos é, muitas vezes, pensem o que pensarem, uma afeição visceral, sentimental, completamente misturada de amor a si mesmo. E não basta que esta afeição se

multiplique em dedicação, aceite sacrifícios, recorra à oração, para se tornar, na abertura mútua e na confiança recíproca, esta intimidade de pessoa a pessoa na qual consiste o verdadeiro amor.

*Jovens casais, sejam vigilantes, despistai os alibis, não cedais à tentação de atribuir aos nobres sentimentos as vossas negligências, os vossos abandonos em matéria de educação: as responsabilidades profissionais e sociais, por mais importantes que sejam, as exigências do apostolado **nunca** justificam a demissão de um pai ou de uma mãe.*

*Por muito difícil que seja amar verdadeiramente, por mais difícil que seja o vosso trabalho como educadores, aceito; que o mal ronda em volta dos vossos filhos, “procurando o que poderá devorar”, sei-o bem. Mas então, por que não mostrar todo o vosso zelo junto de Deus, e perseverar? Há graças que não se obtêm, demónios que não se apanham, diz-nos Cristo, a não ser pela oração e pela penitência. **“Não há redenção sem efusão de sangue”**, escrevia S. Paulo. Ora precisamente a educação cristã é uma redenção.*

Que a entreajuda, esta lei fundamental da vossa equipa, entre plenamente neste domínio da educação. Se é verdade que não tendes que expor sem ponderação os problemas dos vossos filhos mais velhos, resta apesar de tudo uma grande margem para esta entreajuda.»

(Carta mensal, Novembro 1960)

Aos pais

Ainda a educação, com um sério aviso aos pais. Mas nos nossos dias, em que a maioria das mães de família trabalha, não será válido também para as mães?

«Lamentamos, por vezes, que Deus, quando decidiu o modo de transmissão da vida para a espécie humana, não tenha optado pela partenogénese! As crianças não lamentariam, assim, não ter pai. Em

todos os lares, onde o pai está moralmente ausente, as crianças estão mais ou menos gravemente perturbadas – os psiquiatras sabem bem disso!

Temo que existam no nosso movimento demasiados casos de lares deste tipo, a acreditar nas confidências das esposas, dos filhos e dos mais velhos.

É tão fácil, para o pai, encontrar boas razões, tranquilizadoras! Um trabalho profissional devorador, donde ele chega a casa tarde e cansado, tornando-se-lhe insuportável o barulho das crianças e as suas incessantes questões, sem interesse para este homem consciente das suas responsabilidades sociais!... E o jornal, as saídas à noite, e aqueles fins-de-semana para ir à caça, ou às reuniões apostólicas... Quanto às férias grandes, é a vez dos filhos estarem ausentes. E mesmo se, por alguns dias, pais e filhos se encontram reunidos, ou ficam em bloco ou cada um para seu lado, e é muito raro ver o pai, só, a passear com um dos seus filhos. Desconfiará ele dos dramas que, por vezes, torturam um coração ou uma consciência de adolescente?

Que devastações arrasta esta demissão do pai nas almas das crianças, mesmo quando a mãe faz tudo o que pode para a remediar? Pois a acção do pai é insubstituível, para o harmonioso desenvolvimento da sua inteligência, da sua capacidade de julgar, da sua afectividade, da sua consciência, da sua vida religiosa, indispensável a uma “estruturação” equilibrada da sua personalidade humana e religiosa.

É inegável que os chefes de família têm muitas vezes vidas sobrecarregadas. O que não impede que a criança tenha o direito imprescritível à acção educadora do seu pai. E, aliás, penso que esta é mais uma questão de amor, de disponibilidade de coração, de espírito atento que de tempo, mais de qualidade de presença do que de quantidade, se me posso expressar assim. Pois conheço também destes

pais muito absorvidos pelas suas responsabilidades profissionais, sociais, apostólicas e, contudo, são maravilhosos pais.

Será preciso acrescentar que o pai é o primeiro beneficiário do cuidado que concede à educação dos seus filhos. Com efeito, o exercício consciencioso e cristão da tarefa de pai é um excelente meio de progredir na renúncia e no amor. É também o primeiro apostolado.

Quando a Igreja ensina que o fim primordial do casamento é a procriação, ela entende estar a falar da geração das crianças, bem entendido, mas mais ainda da sua educação.

Convido-vos, ao terminar, a ler o texto, singularmente evocador, de Roger Martin du Gard, que encontro no número especial de “Anneau d’Or⁴”: O Pai(...).

“Que conheci eu dele? ...sonhava. Uma função, a função paternal. Um governo do direito divino que ele exerceu sobre mim, sobre nós, trinta anos seguidos; com consciência, aliás: brusco e duro, mas por um bom motivo; ligado a nós como a deveres... Que conheci ainda? Um pontífice social, considerado e temido. Mas ele, o ser que ele era, quando me encontrava na sua presença,... quem era ele? Não sei nada. Nunca exprimi um pensamento diante de mim, um sentimento, onde tenha podido ver algo de íntimo, alguma coisa que tenha sido profundamente dele, retirada toda a máscara...

E de mim que sabia ele? Menos ainda! Nada! Qualquer colega de turma, perdido de vista há quinze anos, sabe mais sobre mim!... Quando nos encontrávamos face a face, existia um encontro destes dois homens do mesmo sangue, da mesma natureza, e entre estes dois homens, entre este pai e este filho, nenhuma linguagem para comunicar, nenhuma possibilidade de partilha: dois estranhos!...”».

(Carta mensal, Maio de 1963)

⁴ Revista já citada cujo nome, se se traduzisse, seria “Anel de Ouro”.

O dever de competência

Depois da educação, um vasto domínio a evangelizar é o da actividade profissional. Esta evangelização supõe uma base humana que é a competência.

«Na noite de um dia de retiro, um amigo médico confiava-me: “Tomei a resolução de consagrar mais duas horas, todas as semanas, à leitura das minhas revistas médicas.”

Se até ali ele tinha negligenciado rezar todos os dias, eu teria certamente preferido que ele decidisse dar mais lugar à oração. Mas não era o caso: o meu amigo assiste à missa todas as manhãs e encontra forma, na sua vida superocupada de médico parisiense, de fazer todos os dias uma visita ao Santíssimo Sacramento. Fiquei, por isso, bem mais feliz com a sua decisão do que se ele tivesse adoptado uma devoção suplementar e felicitei-o calorosamente.

Numerosos médicos, quero crer, lêem revistas médicas. São levados a isso por motivos variados: ambição, amor à ciência, dedicação aos seus doentes. Mas que a resolução do meu amigo tenha sido inspirada pela fé e pela oração, eis o que merece reflexão.

*Existe efectivamente um **dever de competência**. Muitos cristãos esquecem-no, imaginam provavelmente que a devoção basta para tudo. M. P. Chanson fez-nos deles um retrato pitoresco num caderno do A.M.C.⁵:*

“ - Um certo patrão cristão, honra lhe seja feita, tornou-se devoto. Mas ei-lo ciumento do recolhimento monacal. O seu trabalho pesa-lhe. E depois para quê enriquecer? É inteligente, diplomata e bom orador. Pressionam-no para aceitar a presidência do seu sindicato. Inteira justiça, pensais vós! Seria motivo de

⁵ A Associação do Casamento Cristão tinha sido fundada entre as duas guerras pelo abade Viollet.

orgulho. Leu e releu que cinco minutos de oração meditada valem mais que vinte anos de vida activa. Ora, graças ao emprego minucioso do seu tempo, é uma hora, serão duas, três talvez que ele poderá consagrar à oração. Com o hábito perto, é um monge! Como iria ele comprometer a sua espiritualidade nessa confusão que são as assembleias? Já basta que a sua mulher e os seus filhos o arranquem da sua meditação assim como o fastidioso ronronar dos negócios! Ah! Se ele estivesse sozinho no mundo, contentar-se-ia com a ração diária dum cartucho. Quanto tempo não poderia ele aí dedicar à oração! O lar, sucursal do convento, que sonho!”

*São tais erros de conduta que acabam por tornar suspeitas as “propostas”⁶ ou as revistas de espiritualidade. Falar aos laicos de vida interior, de união a Deus, pode-se pensar, encoraja-os a desconhecer as suas responsabilidades e a evadir-se dos seus deveres familiares, profissionais, apostólicos. Aquele que se ocupa de Deus estará ainda apto a ocupar-se das coisas da terra? Não teremos ainda compreendido que a vida espiritual dos leigos não consiste em brincar ao monge, mas em **viver a caridade** no próprio estado de vida? Que, precisamente, essa caridade obriga a consagrar-se às tarefas com uma competência sempre acrescida, competência que é ela mesma uma forma de caridade?*

Ser competente, com efeito, é amar os seus irmãos. Aquele que aplica a sua inteligência e as suas forças a descobrir os segredos da natureza ou a elaborar leis para a cidade, aquele que se torna capaz de socorrer os corpos que sofrem ou a diminuir a dor dos homens não praticará eminentemente o amor fraterno?

*Ser competente é, ainda, amar Deus. Aquele que O ama mais, não é o que grita “**Senhor, Senhor...**”, mas aquele que faz a Sua vontade e colabora na Sua obra. Pois Deus fez confiança nos homens para precisar da colaboração deles: a terra não dará a*

⁶ No sentido de discursos (pistas) sobre um tema específico que eram feitos por padres em pequenos encontros de carácter religioso.

ceifar se o lavrador não tiver feito o seu trabalho, a criança não se tornará homem sem educação. Mas, sem competência, lavradores ou pais não serão senão medíocres colaboradores.

Amar o Senhor é, ainda, prestar-Lhe homenagem. Ora, o cristão competente é, em certos meios, o único testemunho de Deus com autoridade. Onde a prédica não é escutada e a virtude incompreendida, a competência muitas vezes impõe-se. Se uma assistente social, um agricultor ou um professor forem competentes, aqueles que os rodeiam, serão conquistados e atraídos pela sua competência e, por vezes, até Deus estará presente nos seus corações. Espantamo-nos com efeito: o cristão não procura, por isso, só o céu! Apaixona-se pelos problemas sociais, pela arte, pela ciência! Será que o Deus dos cristãos se interessa verdadeiramente pelo nosso planeta, pelas nossas historietas de homens? A apologética da competência, mais ainda quando se desdobra em apologética da dedicação, pode ter êxito onde as outras fracassam.

Amigos, nas horas em que praticardes o “dever de se sentar”, interrogai-vos sobre o dever da competência.»

(L'Anneau d'Or, Setembro 1946)

Férias : tempo forte ou tempo fraco?

Outro recanto da nossa vida que devemos examinar, é o dos tempos livres. Deus está aí presente?

«Em primeiro lugar a que chamamos nós férias? Eu defini-las-ia de boa vontade, assim: tempo de interrupção do trabalho habitual, escolar, profissional, doméstico. Donde decorre que, se os estudantes e os maridos têm geralmente férias, não é sempre assim para as mães de família, tendo elas tanta ou mais necessidade – por

vezes mais – que os outros membros do lar: nota rápida para os maridos lerem.

De regresso de férias, eu constato frequentemente nos pais o que os professores notam nos estudantes: uma baixa de qualidade espiritual (aqui não entendo “espiritual” no sentido restrito de vida religiosa). As energias estão relaxadas.

Um acréscimo de vitalidade física teria como custo necessário uma quebra de vitalidade espiritual? Seria muito decepcionante. Não está absolutamente nada provado.

Donde surge esta quebra? Será que se abandonam, sem mais nem para quê, os exercícios espirituais habituais? Talvez não necessariamente. Não está aí, parece-me, a primeira razão de diminuição. Ela é de ordem interior. Em férias damos férias ao amor e tomamos como regra de vida: O que é que me apetece? Jogos, sono, passeios, leitura... tudo é comandado por esta lei soberana. Entendi-me bem, não é repousar, relaxar, fazer desporto, que eu considero reprovável – é o móbil: porque me apetece. Daí a perpétua atenção sobre si próprio e a desatenção a Deus e aos outros; daí a preferência do eu, em detrimento das preferências dos outros. Enquanto que, ao longo do ano, quando não há hipótese de se fazer tudo o que nos apetece, esforçamo-nos por fazer a vontade de Deus – se não for sempre vista como vontade de Deus, pelo menos sob o aspecto de dever – eis que chegadas as férias, fazemos inversão de sentido. Como se, para repousarmos de ter amado e servido Deus e os outros durante onze meses, pudéssemos, apesar de tudo, por fim, amarmo-nos e servirmo-nos a nós próprios. Damos folga ao amor e o egoísmo assegura o ínterim.

Está aí o erro. Não há férias para o amor. Cessais de respirar nas férias? Não cesseis, então, de amar, pois o amor é a respiração da alma.

Tendes razão de interromper as vossas tarefas habituais, fizeti-o porque é uma vontade de Deus e, na medida em que o é, por amor a Ele. Que o amor permaneça desperto, alerta, vigilante, zeloso. Que o seja ainda mais do que habitualmente. Respirai a plenos pulmões, amai com o coração inteiro! A alma, como o corpo, tem necessidade de se refazer, de se renovar; ora é o amar que recria a alma. E as férias são – devem ser – precisamente um tempo no qual é mais fácil amar, amar a Deus e amar os outros. Mais fácil de amar Deus, porque a criação conta a glória de Deus. Mais fácil de amar os outros, porque saímos da vida ofegante e podemos, neste tempo livre, juntos, descobrir, ler, conversar longamente... Tempo onde é mais fácil amar; é preciso exercitarmo-nos a amar mais, a amar melhor. Então as férias respondem à sua razão de existir: elas são recriação. Elas recriam cada um. E elas recriam os laços entre a alma e Deus, entre marido e mulher, entre pais e filhos, entre irmãos e irmãs. Elas permitem criar novos laços com os habitantes da aldeia, com os pais e os amigos reencontrados...

De regresso a casa podemos retomar o trabalho: a alma está mais forte, a vitalidade está acrescida.

As vossas férias serão um tempo forte do vosso ano, porque vós fareis delas um tempo para amar.

(Carta mensal, Julho de 1955)

Para debater em casal

À escolha podemos tratar um ou outro assunto (ou os três para os corajosos).

1. Educação

◆ Como concebemos a partilha das responsabilidades ou a co-responsabilidade da educação dos filhos?

◆ Como evoluiu a nossa visão ao longo do tempo?

◆ Reflectir sobre a nossa relação com os filhos e/ou netos. Quais as nossas aspirações para eles? Como ajudar a progredir na escuta? Que meios encontrar para os ajudar a crescer, no plano espiritual particularmente?

2. Dever de competência

◆ Que significa para cada um de nós o dever de competência, estejamos no exterior do lar ou no seu interior, jovens ou reformados?

◆ Como pode cada um ajudar o outro neste domínio?

3. Tempos livres

◆ Como organizamos os nossos tempos livres? As nossas férias? Quais são os nossos critérios de escolha? Preocupamo-nos com as expectativas e as aspirações do nosso cônjuge?

◆ Aceitaria consagrar uma semana de férias a uma sessão das E. N. S. ou a um retiro? Quer a resposta seja sim ou não, partilhemos as nossas motivações.

Para debater em equipa

◆ A interrogação fundamental aponta para o nosso “estilo de vida”: será conforme aos valores evangélicos ou mais ou menos contaminado pelos valores pagãos? Quer dizer, vivemos verdadeiramente como cristãos? Toda a nossa existência é marcada pela nossa pertença a Cristo?

◆ É certo que não é fácil fazer morrer o “homem velho” (quer dizer, o egoísmo) para revestir o “homem novo”. É um trabalho de profundo fôlego. Pelo menos tendemos para isso? E de que maneira? Como se marca isso nos recantos da nossa existência: a educação, as relações, o trabalho profissional ou doméstico, os tempos livres, etc.?

Oração para a reunião (Ef 4, 17-24)

Levar uma vida nova

“Eis, portanto, o que vos digo e a advertência que vos faço no Senhor: Não torneis a proceder como os gentios, na futilidade do seu discernimento, pois eles têm o seu entendimento obscurecido, por andarem alheios à vida de Deus, devido à ignorância e endurecimento do seu coração; insensíveis como são, entregaram-se à libertinagem, a ponto de praticarem toda a espécie de impureza. Vós, porém, não aprendestes de Cristo, se é que d’Ele ouvistes falar e n’Ele fostes instruídos – consoante a verdade que existe em Jesus – a despojar-vos do homem velho, no que diz respeito ao vosso passado, do homem corrompido pelas paixões enganadoras, a renovar espiritualmente a vossa inteligência e a revestir-vos do Homem Novo, criado em conformidade com Deus na justiça e na santidade verdadeiras?”

Para viver a entreaajuda

Ao nível do pôr em comum, insistir mais sobre os valores evangélicos que motivam as nossas escolhas e os nossos compromissos.

8ª Reunião

PREOCUPAR-SE COM OS OUTROS

Toda a vocação é acompanhada de uma missão. E as riquezas que recebemos – materiais ou espirituais – são para serem partilhadas. O cristão, como Cristo, está preocupado com os outros. Não se fecha sobre si próprio para usufruir egoisticamente o que tem, mas está aberto, acolhedor, atento ao outro. Vive e trabalha, unido a Cristo, “para a glória de Deus e a salvação do mundo”.

Ricos

De vários pontos de vista, somos privilegiados – mesmo se muitos de nós estão mais ameaçados que outrora pelo flagelo do desemprego e da precaridade. Mas se estamos protegidos, pensamos nos outros que não o estão?

«Em resposta ao meu editorial do Anneau d’Or, nº20 (Inquietação), recebi a carta que aqui tenho: “Sou o tipo de assinante passiva, mãe de família demasiado ocupada para escrever! Mas desta vez, reagi violentamente, lendo o vosso artigo.

A vossa ausência de inquietação inquieta-me, dizeis vós. Mas, Monsenhor, a inquietação corrói-nos. Se o mundo está tão cheio de miséria, como poderíamos sentirmo-nos em paz? Existem ainda pessoas que conseguem viver felizes, encantadas, no seio tranquilo da comunidade familiar onde nada falta, onde se está confortavelmente entre pessoas que se amam e que são agradavelmente “bem educadas”? Pela minha parte, acho difícil haver paz quando há inquietação. Aí, colocando a cabeça entre as mãos, dizemos para nós

próprios: “A minha situação social, a minha fortuna adquirida justamente (e bem relativas), foi o bom Deus que as quis; aliás sou generoso de acordo com as minhas posses, etc., etc..” e voltamos a partir com um pouco de tranquilidade. Não por muito tempo. Um pedinte toca. É um profissional, seguramente, não lhe devo nada.... Mas se ele tiver filhos gelados em casa!... Os meus estão tão alegres, à volta da lareira – a sua miséria...o meu conforto... – tudo é abalado! Ou, então, é um testemunho do Abade Depierre ou um livro de Van des Meersch que cai nas nossas mãos. A miséria está aí, ela espreita-nos, estraga-nos o conforto, abala os nossos pontos de vista razoavelmente estabelecidos; já não há forma de sermos felizes; e o pior é que o saco de carvão ou a nota do banco não tranquilizam tudo. Não, senhor Abade, ajude-nos antes a encontrar a paz. Essa que vem da caridade – (vê, condeno-me a mim mesma; eu sei, tudo advém de uma falta de amor). Qual o nosso lugar, de burgueses ricos, ou considerados assim, nesta miséria do mundo? Pergunto-me muitas vezes se a vossa revista, feita para nós e que compreende bem os nossos problemas e nos ajuda, não faria melhor se, às vezes, nos mandasse dar uma volta por todos esses problemas e nos enviasse a pregar a pobreza, a caridade, o amor perfeito despojado! Pergunto-me se, fundidos nessa imensa caridade, não veríamos a puerilidade dos nossos problemas conjugais que nos ocupam tanto!

Estamos conscientes de valermos pouco, de sermos pecadores, medíocres, inquietos, agitados, tristes por nos apercebermos do mal sem ter a coragem de o remediar? Agora que tentastes inquietar os tranquilos, não poderíeis apaziguar os inquietos? É tão pesada esta angústia! Seria tão mais simples estar tranquilo!”

Como isto soa cristão!

Nesta inquietação apanhada ao vivo, reconhece-se o discípulo de Cristo. Diante da miséria do mundo, ele descobre a sua riqueza e inquieta-se: porquê eu, por que não eles?

Quão ricos sois vós, vós a quem me dirijo, mesmo que não tenhais fortuna material! Ricos da vossa cultura, da vossa educação, das vossas relações, das vossas amizades, do lar onde se amam. Ricos de um bem infinitamente mais precioso ainda... a fé, a graça.

E à vossa volta, uma terrível pobreza: corpos famintos, corações famintos, almas famintas!

Sois perseguidos por esta questão: porquê eu e não eles? Sois perseguidos pela vontade de partilhar?: “Eles não vêm reclamar!” A sério? Credes que cabe a eles darem-se a esse trabalho?»

(Carta mensal, Maio de 1948)

Uma palavra suspeita

A palavra “espiritualidade” causa problema. Não confundir o que ela significa. Certamente não é fuga para o sonho.

*«A quem vos pergunta: “**Que é isso, afinal, das Equipas de Nossa Senhora?**” Sem dúvida responderéis: “**São grupos de espiritualidade**”. As reacções suscitadas por esta definição, já o notaram evidentemente, são muito variadas. Não são todas de interesse e de simpatia. Por vezes, é um simples sorriso, condescendente, aquele que se concede a um terno maníaco, completamente inofensivo, mas perfeitamente inútil aos seus semelhantes, quando confessa coleccionar moedas romanas, autógrafos ou escaravelhos... Por vezes ouve-se dizer: “Eu, eu não sou um místico! Ser um bom cristão, basta-me! Já estou bastante ocupado com as minhas obrigações profissionais, familiares, sociais... para me ocupar ainda da espiritualidade!”*

Evadir-se, assim, do temporal não será traição, quando tantas misérias exigem a dedicação de todos nós e uma nova civilização se constrói (que, aliás, se virará contra nós, se não for edificada connosco)?

Estas reacções revelam um forte desprezo. Uns parecem identificar espiritualidade com passatempo. Outros, mostrando mais consideração, vêem-na apenas como ciência da oração e da virtude não lhes passando pela cabeça que a espiritualidade possa ter alguma relação com responsabilidades familiares, profissionais ou cívicas... Uns e outros ignoram o que é exactamente a espiritualidade.

Como dissipar equívocos?

*Basta precisar com exactidão a palavra **espiritualidade**.*

Espiritualidade é a ciência que trata da vida cristã, dos caminhos que levam ao seu desenvolvimento.

Ora a vida cristã integral não é só adoração, louvor, ascese, esforço de vida interior. Ela é também serviço de Deus, no local designado por ele: família, profissão, cidade...Assim como os casais que se juntam para iniciar a espiritualidade e, ao contrário de procurarem os meios para se evadir do mundo, se esforçam para aprender como, a exemplo de Cristo, servir Deus, em toda a sua vida e no meio do mundo.»

(Carta mensal, Junho 1950)

O Apostolado dos leigos

Com o Concílio Vaticano II, o apostolado dos leigos é colocado em primeiro lugar.

“Aos leigos advém-lhes da sua união com Cristo Chefe o dever e o direito de serem apóstolos. Inseridos pelo baptismo, no corpo místico de Cristo, fortalecidos graças à confirmação pelo poder do Espírito Santo, é o Senhor, Ele mesmo, quem os delega para o apostolado. Se eles são consagrados sacerdócio real e nação santa (cf. 1P2,4-10), é para fazer de todas as suas acções oferendas espirituais, e para prestar homenagem a Cristo na terra. Os sacramentos e, sobretudo, a santa Eucaristia comunica-lhes e alimenta neles esta caridade que é como a alma de todo o apostolado.”

«Convidava-vos, há pouco, a lerem e meditem os textos conciliares. Há um que vos diz directamente respeito, aquele do qual acabo de vos citar um extracto: o Decreto sobre o apostolado dos leigos. Um verdadeiro filho da Igreja deve sentir-se impelido, não só a ler, não só a estudar, mas ainda a confrontar o seu pensamento e a sua vida com este documento. E de retirar dessa confrontação conclusões leais e vigorosas, pois “as circunstâncias actuais reclamam (dos leigos) um apostolado sempre mais intenso e mais vasto”.

Não podemos dizer que os textos conciliares sejam sempre de leitura fácil, para aqueles que não têm formação teológica, mas este está verdadeiramente ao nível dos leigos. No entanto, só um sério esforço de atenção e de reflexão permite apreender toda a riqueza. E também de medir toda a sua riqueza. E também de medir todas as exigências, exigências que são apenas as do Evangelho, expressas e traduzidas por decreto, para os cristãos de hoje.

O nosso movimento, nos próximos meses (estamos em 1966), ajudar-vos-á a entrar profundamente na inteligência deste documento capital. Fá-lo-á com uma eficácia maior se este texto vos for já familiar, se já tiverdes reflectido entre marido e mulher (e com os vossos filhos mais velhos) e se já o tiverdes debatido em equipa.

Esperam-vos ricas descobertas, garanto-vos.»

(Carta mensal, Abril de 1966)

Para debater em casal

◆ Temos de nos interrogar sobre a nossa preocupação com os outros. Como se traduz concretamente na nossa vida? Claro que não podemos remediar toda a miséria do mundo. Os nossos meios são limitados. Mas temos nós essa orientação do coração que nos torna atentos às misérias dos outros? E somos inventivos para lhes levar socorro ou consolação? Além disso, muitos organismos caritativos solicitam dinheiro (ou, por vezes mesmo, a nossa colaboração directa): é impossível responder a todos. Mas damos o nosso tempo, o nosso saber, a nossa competência? Quais são os nossos critérios de escolha? Tomamos decisões em casal?

Para debater em equipa

◆ Estamos conscientes da responsabilidade apostólica que nos incumbe seja pelo nosso baptismo, seja pelo crisma? De que maneira a exercemos? Lemos os textos do Concílio Vaticano II sobre este assunto? Debatemo-los em casal e em equipa? A que apostolado específico nos torna aptos o nosso sacramento do matrimónio? ...

Oração para a reunião (1 Co 9, 16 e 19-23)

Fazer tudo a todos

“Porque, se anuncio o Evangelho, não tenho de que me gloriar, pois que me é imposta essa obrigação: Ai de mim, se não evangelizar!...”

Sim, sendo completamente livre, fiz-me servo de todos para ganhar todos. Fiz-me judeu, com os judeus, para ganhar os judeus. Comporto-me com os que estão debaixo da Lei, como se estivesse submetido a ela a fim de os ganhar. Com os que estão fora da Lei comporto-me como se estivesse fora da lei para os ganhar, se bem que não esteja fora da Lei de Deus, mas sob a Lei de Cristo. Com os fracos, fiz-me de fraco, para os ganhar. Fiz-me tudo, para todos, para salvar alguns a todo o custo. E faço tudo por causa do Evangelho, para participar dele.”

Para viver a entreaajuda

Não será tempo de retomar a ideia do saco azul da equipa? Cada um põe nesse saco, em cada reunião, segundo as suas possibilidades. As somas acumuladas ficam disponíveis para ajudar os membros da equipa: participação em encontros ENS, nas sessões de formação, ajudar um casal em dificuldades, donativos...

ORAÇÃO

Senhor, que estás em Tua casa no fundo do meu coração

Senhor, que estás em Tua casa no fundo do meu coração
deixa-me juntar-me a Ti
no fundo do meu coração.

Senhor, que estás em Tua casa no fundo do meu coração
adoro-Te, Meu Deus,
no fundo do meu coração.

Senhor, que estás em Tua casa no fundo do meu coração
louvado sejas Tu, Senhor,
no fundo do meu coração.

Senhor, que estás em Tua casa no fundo do meu coração
ofereço-me ao Teu amor
no fundo do meu coração.

Senhor, que estás em Tua casa no fundo do meu coração
guarda-me de todo o mal
no fundo do meu coração.

Senhor, que estás em Tua casa no fundo do meu coração
que surja a Tua alegria
no fundo do meu coração.

Senhor, que estás em Tua casa no fundo do meu coração
faz-me viver de Ti
no fundo do meu coração.

Senhor, que estás em Tua casa no fundo do meu coração
eu quero o que Tu queres
no fundo do meu coração.

Senhor, que estás em Tua casa no fundo do meu coração
reúne o universo
no fundo do meu coração.

Senhor, que estás em Tua casa no fundo do meu coração
glorifica o Teu santo Nome
no fundo do meu coração.

Henri Caffarel “Dieu, ce nom le plus trahi” Ed. Feu Nouveau p. 203-204⁷

⁷ O título e a editora poderiam traduzir-se por “Deus, este nome mais traído”, ed. Fogo Novo.

Índice

INTRODUÇÃO	3
1ª REUNIÃO	
<u>DESEJAR</u>	<u>7</u>
2ª REUNIÃO	
<u>ALIMENTAR-SE</u>	<u>15</u>
3ª REUNIÃO	
<u>ORAR</u>	<u>25</u>
4ª REUNIÃO	
<u>LUTAR</u>	<u>37</u>
5ª REUNIÃO	
<u>CONSTRUIR O CASAL</u>	<u>45</u>
6ª REUNIÃO	
<u>CONSTRUIR A EQUIPA</u>	<u>53</u>
7ª REUNIÃO	
<u>VIVER A VIDA QUOTIDIANA</u>	<u>63</u>
8ª REUNIÃO	
<u>PREOCUPAR-SE COM OS OUTROS</u>	<u>75</u>
ORAÇÃO	82

Mosaicos

Capa - “Milagre em Caná” (pormenor), 1315-1321
Igreja do Mosteiro da Chora (Museu Kariye),
Istambul

Pág. 4 - “O veado”, séc. XII
Mosaico da abóbada da Basílica S. Clemente, Roma

Pág. 11 - “A vocação de Pedro e André” séc. VI
Igreja S. Apolinário, o novo, Ravena

Pág. 19 - “A figura de Cristo no centro da Cruz”
Basílica S. Apolinário em Classe, Ravena

Pág. 28 - “Cristo guerreiro”
Museu Arcebispal, Ravena

Pág. 36 - “Os pombos que se dessedentam”
Mausoléu de Galla Placidia, Ravena

Pág. 43 - “Igreja da multiplicação dos pães, Tabgha

Pág. 50 - Pormenor de decoração, séc. VI
Museu Arcebispal, Ravena

Pág. 59 - “Papagaio, servindo de condutor de uma carruagem
puxada por duas tartarugas”
Colecção particular, Roma

Pág. 64 - “Canário pendurado num ramo ” séc. XVIII
Colecção particular, Roma

Outras Ilustrações

Pág. 66 - “As bodas de Caná”

Abadia KEUR - Moussa, Senegal

Vinheta ilustrando a partilha de casal: desenho de Christine Moreau, realizado por ocasião do Cinquentenário da Carta das Equipas.

Vinheta ilustrando a oração em reunião: Ícone da Sagrada família, realizado para as Equipas de Nossa Senhora pela Irmã Marie-Paule, religiosa beneditina no Mosteiro do Monte das Oliveiras, em Jerusalém.

Vinheta ilustrando a entreatada: - “O Segredo”, +/- 1910

Auguste Rodin (1840-1917), Coleção privada